

*Neide Hissae Nagae (org.)*

# MOMOTARŌ

*Traduções e Percursos no Exercício de Tradução  
Japonês-Português*



Grupo de Estudos de Tradução  
Japonês-Português USP



*Organização*  
Neide Hissae Nagae

*Prefácio*  
Kyoko Sekino

# MOMOTARŌ

*Traduções e Percursos no Exercício de  
Tradução Japonês-Português*

Grupo de Estudos de Tradução  
Japonês-Português USP



FFLCH/USP  
São Paulo, 2018

DOI: 10.11606/9788575063194

**UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO**

Reitor: Prof. Dr. Vahan Agopyan

Vice-Reitor: Prof. Dr. Antonio Carlos Hernandes

**DEPARTAMENTO DE FILOSOFIA LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS**

Diretora: Profa. Dra. Maria Arminda do Nascimento Arruda

Vice-Diretor: Prof. Dr. Paulo Martins

**DEPARTAMENTO DE LETRAS ORIENTAIS**

Chefe: Profa. Dra. Safa Alferd Abou Chahla Jubran

Vice-Chefe: Profa. Dra. Shirlei Lica Ichisato Hashimoto

Habilitação em Língua e Literatura Japonesa do Curso de Letras  
Programa de Pós-Graduação em Língua, Literatura e Cultura Japonesa



**JAPAN FOUNDATION**  
SÃO PAULO

Universidade de São Paulo  
Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas  
Departamento de Letras Orientais  
Av. Prof. Luciano Gualberto, 403 - sala 25  
CEP 05508-010 - São Paulo - SP

**EQUIPE DE TRADUÇÃO**

André Felipe de Sousa Almeida  
José Maurício de Faria Yoshitake  
Lídia Harumi Ivasa  
Pérola Isis da Silva Bitencourt  
Thiago Cosme de Abreu  
Cristine Akemi Sakô  
Vanessa Higashi

**REVISÃO DE TEXTO**

Priscila Gerolde Gava

**ILUSTRAÇÃO DA CAPA**

Erika Gushiken

**ILUSTRAÇÃO INTERNA E DESIGN DE CAPA**

Priscila Gerolde Gava

**DIAGRAMAÇÃO**

Simonia Fukue Nakagawa e Priscila Gerolde Gava  
MTb 0010837/PR

**ORGANIZAÇÃO E COORDENAÇÃO GERAL DO PROJETO**

Neide Hissae Nagae

Esta publicação recebeu o apoio financeiro da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP, por meio da verba de publicação para o Programa de Pós-Graduação em Língua, Literatura e Cultura Japonesa de 2017; da Associação Brasileira de Estudos Japoneses (ABEJ) e da Fundação Japão do Programa Sakura Network, edição 2018.

Catálogo na Publicação (CIP)  
Serviço de Biblioteca e Documentação  
Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo

---

M733 Momotaro : traduções e percursos no exercício de tradução Japonês -  
Português [recurso eletrônico] / organizadora : Neide Hissae Nagae  
-- São Paulo : FFLCH/USP, 2018.  
1.904Kb ; PDF.

ISBN: 978-85-7506-319-4;  
DOI: 10.11606/9788575063194

1. Literatura japonesa. 2. Antologia. I. Nagae, Neide Hissae, coord.

CDD 895.68

---

É permitida a reprodução parcial ou total desta obra, desde que citada a fonte e autoria, proibindo qualquer uso para fins comerciais.

Direitos reservados à Organização deste livro.  
*Autorizada a reprodução e divulgação total ou parcial para fins de estudo e pesquisa,  
desde que citada a fonte.*

1ª edição 2018

Traduções, releituras, intertextualidades, reescritas. É isso que o livro traz, entre outras coisas, tudo por causa de um pêsego mitológico e um herói lendário que o leva em seu nome. Uma história que possui inúmeras versões, muitas das quais voltadas para o público infanto-juvenil. O imaginário do ser humano é incomensurável, e quem trabalha com tradução surpreende-se e surpreende o outro com os universos que lhe são apresentados. As ideias que se tem sobre tradução, o que se deve ou não fazer, as opções disponíveis, tudo é complexo. Ainda mais quando se tratam de duas línguas envolvidas nesse processo como o japonês e o português. Culturas com trajetórias distintas e distantes, que se influenciaram em algumas ocasiões, e que no Japão e Brasil, tendem a se influenciar progressivamente. Mais um mundo entre os tantos universos que este material descortina como mais uma de suas possíveis facetas.

O Grupo de Pesquisas do CNPq UNESP “Abordagens em Estudos de Artes, História, Linguística e Literatura Japonesa: Tradição autóctone e tradição ocidental-europeia” foi criado em 2006 e, tendo por Líderes as Professoras Cecília Kimie Jo Shioda e Neide Hissae Nagae, começou suas atividades em conjunto inicialmente com integrantes da UNESP e da Faculdade Messiânica, ao qual se somaram os da USP a partir de 2010. Atividades interinstitucionais ligadas à tradução e outros temas de estudos e pesquisas, como ensino de língua japonesa e artes, continuaram até 2015, e o Grupo foi encerrado em 2016. Este livro é resultado dos estudos integrados durante todos esses anos das três instituições e que traz ao público o fruto que foi amadurecendo no Grupo de Estudos de Tradução Japonês-Português da USP entre 2012 e 2015.

## *Sumário*

PREFÁCIO – Kyoko Sekino.....	8
APRESENTAÇÃO – Neide Hissae Nagae e Shirlei Lica Ichisato Hashimoto.....	11
MOMOTARŌ	
Conto original em japonês de Ryūnosuke Akutagawa.....	16
Tradução e comentários – André Felipe de Sousa Almeida.....	25
Tradução e comentários – José Maurício de Faria Yoshitake.....	39
Tradução e comentários – Lídia Harumi Ivasa .....	57
Tradução e comentários – Pérola Isis da Silva Bitencourt .....	70
Tradução e comentários – Thiago Cosme de Abreu.....	87
Versão baseada em textos tradicionais e infantis –	
Cristine Akemi Sakô .....	100
Tradução da música infantil – Vanessa Higashi .....	105
ENSAIO – Em torno à tradução da obra japonesa <i>Momotarō</i> de Ryūnosuke Akutagawa para o português – Neide Hissae Nagae.....	108
BIOGRAFIA DE RYŪNOSUKE AKUTAGAWA –	
Juliana Saito Pinheiro Mascitelli.....	123

## *Prefácio*

Kyoko Sekino

Há uma contradição que envolve a natureza da aquisição, se falarmos de língua materna e do ensino de línguas estrangeiras. O ato de fala pode ser caracterizado como uma manifestação instintiva, adquirida naturalmente após o nascimento e, por conseguinte, bastante simples e espontânea. Por outro lado, o potencial para tal ato, no ponto de vista da evolução das espécies, pode ser tido como extraordinário e único, particular do ser humano.

Quando falamos em aquisição, denotando a naturalidade do processo que pode ser observado na infância, é inúmera a quantidade de idiomas que se pode adquirir, havendo imersão e convivência social genuína. Num país como o Brasil, que viu através da sua história um número significativo de imigrantes, é também natural que essa convivência se torne preponderante, atravessada por diferentes línguas e suas manifestações. Mesmo assim, hodiernamente a língua portuguesa brasileira é sua única língua oficial, e não parece ter havido a fomentação do uso de uma variedade de línguas que com certeza coexistiam e se imiscuíam no cotidiano brasileiro: as línguas indígenas e as línguas





trazidas pelos imigrantes são exemplos fortes que pereceram diante à política educacional adotada no passado e hoje em dia.

Nossa luta pelo ensino-aprendizagem de línguas estrangeiras também é contraditória. Tendo em vista a influência da abordagem estruturalista, o ensino é convenientemente organizado com a ênfase na estrutura gramatical da língua estudada, deixando de lado a espontaneidade das habilidades linguísticas de fala. O ensino de língua japonesa no Brasil tem seguido a mesma tendência que, apesar do movimento geral que norteia a abordagem comunicativa, ainda há valorização, no ensino superior, da estrutura e regras da língua, em detrimento da fala e da compreensão oral, enaltecendo escrita e leitura. Por outro lado, é verificável que ambas habilidades podem exigir a compreensão de instruções e demandar o exercício que pode se perfazer tanto em língua materna como em língua estrangeira. Especialmente no ensino superior, o ensino dessas duas últimas habilidades é mais pertinente ao desenvolvimento do nível intelectual dos alunos e mais conveniente na sistematização do conhecimento organizado e estruturado, dado o seu volume.

A tradução é, por sua vez, referida como a quinta habilidade linguística: a capacidade de agir reconstruindo o significado da língua-alvo de um texto escrito em língua-fonte. No processo, há demanda de habilidades metodológicas e estratégicas, comunicativas, socioculturais, psicolinguísticas, além da própria proficiência linguística em duas línguas. Se considerarmos o ensino e aprendizagem a primeira etapa, a tradução é uma extensão desta, necessariamente baseada na primeira. Nesse sentido, a tradução tem uma complexidade cognitiva na aprendizagem que busca elementos pragmáticos, o que envolve uma cadeia de inferências sobre o significado que reside implicitamente no que culturalmente é marcado e processado cognitivamente.

Ainda que devamos ao público brasileiro livros didáticos, cadernos de exercícios, gravação de falas, vídeos e outros materiais fundamentais para o ensino-aprendizagem da língua japonesa, o

trabalho apresentado aqui é fruto do esforço e prova da capacidade do grupo de elaborar um material de tradução rico: as traduções da obra *Momotarō* de Ryūnosuke Akutagawa têm na paródia seu traço demarcado, na qual os alunos tradutores devem saber que a versão popular possui tipicamente o fim feliz. A obra contém vários elementos culturais como nomes, alimentos, situações específicas, dentre outros. Na Pragmática, paródia e falácia são objetos de estudo cuja linha inferencial essencialmente foge daquela que é institucionalizada. Assim, o efeito atinge a cognição do leitor de forma a provocar o riso. Apesar de curtas, as expressões situacionais são complexas e demandam dos alunos a reconstrução completa do conceito para que haja o entendimento na língua alvo. Sendo assim, o presente livro nos mostra uma variedade de traduções e reflexões de cada tradutor, os quais ainda nos darão oportunidade para que surjam outras pesquisas e observações acerca das equivalências dos léxicos e expressões, além de estratégias tradutórias e, sobretudo, das interpretações literárias.

Edição de livros didáticos em língua japonesa não é tarefa fácil quando se considera a distinção das línguas e suas respectivas culturas. A problemática em torno da abordagem de ensino, entre estruturalista ou comunicativa, não se trata de uma dicotomia entre adequado/inadequado, ou entre primeiro/segundo. O meio acadêmico deve fomentar o aprendizado em todas as suas manifestações éticas. Nesse sentido, a edição deste volume, que parte da tradução, fruição literária e reflexões dos tradutores-alunos, certamente contribui para o ensino da língua, da literatura e da cultura japonesa, além de nos fornecer a capacidade de desfrutar dos trabalhos concluídos pelos alunos e professores envolvidos na edição.

Setembro de 2017  
Universidade de Brasília

## *Apresentação*

Lica Hashimoto e Neide Hissae Nagae

Há muito almejado, este material é fruto do empenho de muitas pessoas. Assim como os estudos de tradução, que começam a se tornar mais visíveis a partir da década de 1980, com publicações de estudos a respeito, os trabalhos para uma sistematização dos estudos de tradução no âmbito do japonês e português são mais recentes ainda, com poucos trabalhos publicados.

Particularmente, o ano de 2003 marca de forma mais concreta o início de nossas reflexões sobre a tradução dos pares linguísticos japonês-português no Brasil. Nele aconteceram a mesa-redonda de tradução “Perspectivas do mercado editorial de tradução de obras japonesas” no XIV Encontro Nacional de Professores Universitários de Língua, Literatura e Cultura Japonesa (ENPULLCJ) organizado na UNESP, e o Seminário “Formação e Profissionalização do Tradutor Japonês-Português” realizado na Biblioteca Mário de Andrade em São Paulo.

Essas sementes de discussões começaram a ser regadas com outras iniciativas de estudos sobre tradução, com o Grupo de Pesquisas CNPq “Abordagens em Estudos de Artes, História, Linguística e

Literatura Japonesa – tradição autóctone e tradição ocidental-europeia” criado em 2006 na UNESCO, e com outras mesas tendo a tradução como tema em eventos ligados aos Estudos Japoneses, a exemplo do XVII ENPULLCJ organizado pelo Centro de Estudos Japoneses (CEJAP) na USP em 2006; no Memorial da América Latina organizado pela Associação Brasileira de Estudos Japoneses (ABEJ), e na Fundação Mokiti Okada organizada pelo Grupo de Pesquisas CNPq da UNESCO, ambos em 2011; no Simpósio Internacional Estudos de Língua, Literatura e Cultura Japonesa – em comemoração aos 50 anos da Habilitação em Japonês da USP em 2013; e no Simpósio Internacional de Língua Japonesa como Língua Global (EJHIB) em 2015.

As palestras de profissionais da tradução de japonês-português iniciadas pelo Grupo de Estudos de Tradução formado pelos professores e alunos da USP, UNESCO e Faculdade Messiânica a partir de 2012 foram primordiais para fortalecer a união de pessoas interessadas em estudar tradução e fazer tradução. Os profissionais convidados apresentaram os desafios de um tradutor no seu dia-a-dia, as dificuldades inerentes à tradução de uma língua de partida tão distante da língua-alvo, a necessidade de pesquisa para as escolhas que vão desde o léxico, a estruturação frasal e a metodologia, no esforço de uma tradução intercultural. Os integrantes passaram, quase que concomitantemente, da posição de ouvintes das palestras para leitores de bibliografia dos estudos de tradução, com discussões periódicas até o enfrentamento com a tradução que intensificou os estudos nas mais diferentes esferas.

Cumpre-nos esclarecer que o Grupo de Tradução Japonês-Português passou por diversos momentos com uma movimentação relativamente grande entre seus integrantes, pois o tempo de permanência dos mesmos esteve, bem ou mal, relacionado à ligação destes com as respectivas instituições e níveis de ensino, além do engajamento de cada um com as atividades do Grupo.

Desse modo, este material foi finalizado com uma equipe que se envolveu primordialmente entre os anos de 2012 e 2015 sob o Projeto de Pesquisa Coletivo intitulado: A prática de tradução literária japonês-português: de *Momotarō* (Menino Pêssego) de Ryūnosuke Akutagawa e *Sementodarū no naka no tegami* (A carta no barril de cimento) de Yoshiki Hayama) do Grupo de Estudos de Tradução Português Japonês.

Um dos objetivos do Projeto consistiu em oferecer a oportunidade de aperfeiçoar o conhecimento de pessoas em diversos níveis de proficiência de japonês, ampliando a bagagem de vocabulário e ideogramas e das culturas japonesa e brasileira por meio do exercício da tradução individual. Outro objetivo foi criar um material de estudo que apresentasse um trabalho de tradução de japonês-português que não fosse apenas o texto traduzido como resultado, e que, sem dúvida, sempre foi outro importante objetivo na divulgação de mais obras japonesas em língua portuguesa.

Assim, como primeiro desafio para a Hora da prática: tradução japonês-português I iniciado em 2012, foi escolhido o conto de Ryūnosuke Akutagawa (1893-1926) escrito em 1924 intitulado *Momotarō*, que recebe o nome do protagonista, composto por *momo* 桃 que é pêssego, e *tarō* 太郎, um nome masculino muito comum, usado sozinho ou como sufixo em combinações com outros ideogramas.

A partir dessa obra, o trabalho foi sendo desenvolvido até chegar a este livro com cinco traduções do original japonês de Akutagawa e os comentários de seus respectivos tradutores, a tradução da música e de um conto infantil, além de uma breve apresentação do autor e de um ensaio, como um primeiro material de estudo de tradução japonês-português.

Portanto, este trabalho resultou num material elaborado para reflexões sobre a tradução, e, conseqüentemente, na tradução de três obras homônimas: o conto de Akutagawa, a música infantil e a história infantil, ainda pouco conhecidas pelo público brasileiro.

Aproveitamos o ensejo para agradecer especialmente aos membros do Grupo de Estudos de Tradução do Grupo de Pesquisas do CNPq UNESP “Abordagens em Estudos de Artes, História, Linguística e Literatura Japonesa – tradição autóctone e tradição ocidental-europeia”, cadastrado entre 2006 e 2016, aos seus Líderes e Vice-líderes e membros da USP, da Faculdade Messiânica e da UNESP, com os quais foram desenvolvidas muitas atividades profícuas; aos tradutores palestrantes convidados do grupo entre 2012 e 2015, extensivo a todas as pessoas que direta ou indiretamente colaboraram para que esses estudos fossem desenvolvidos.

Coordenadoras do Grupo de Estudos de Tradução Japonês-  
Português da USP

MOMOTARŌ

*Conto original em japonês de*  
Ryūnosuke Akutagawa



## 桃太郎<sup>1</sup>

芥川龍之介

一

むかし、むかし、大むかし、ある深い山の奥に大きい桃の木が一本あった。大きいとだけではいい足りないかも知れない。この桃の枝は雲の上にひろがり、この桃の根は大地の底の黄泉の国にさえ及んでいた。何でも天地開闢の頃おい、伊弉諾の尊は黄最津平阪に八つの雷を却けるため、桃の実を礫に打ったという、——その神代の桃の実はこの木の枝になっていたのである。

この木は世界の夜明以来、一万年に一度花を開き、一万年に一度実をつけていた。花は真紅の衣蓋に黄金の流蘇を垂らしたようである。実は——実もまた大きいのはいうを待たない。が、それよりも不思議なの

---

<sup>1</sup> Texto finalizado a partir do original em japonês existente em Aozora Bunko em comparação com o da antologia Kappa de Akutagawa Ryūnosuke, da edição de bolso da Shūeisha, 1999, 9ª impressão da 1ª. de 1992.

はその実は核のあるところに美しい赤児あかごを一人ずつ、おのずから孕んでいたことである。

むかし、むかし、大むかし、この木は山谷を掩った枝に、累々と実を綴ったまま、静かに日の光りに浴していた。一万年に一度結んだ実は一千年の間は地へ落ちない。しかしある寂しい朝、運命は一羽の八咫鴉になり、さっとその枝へおろして来た。と思うともう赤みのさした、小さい実を一つ啄つえばみ落した。実は雲霧の立ち昇る中に遙か下の谷川へ落ちた。谷川は勿論峯々の間に白い水煙をなびかせながら、人間のいる国へ流れていたのである。

この赤児を孕はらんだ実は深い山の奥を離れた後、どういう人の手に拾われたか？—それはいまさら話すまでもあるまい。谷川の末にはお婆さんが一人、日本中の子供の知っている通り、柴刈りに行ったお爺さんの着物か何かを洗っていたのである。……

## 二

桃から生れた桃太郎は鬼が島しまの征伐を思い立った。思い立った訳はなぜかという、彼はお爺さんやお婆さんのように、山だの川だの畑だのへ仕事に出るのがいやだったせいである。その話を聞いた老人夫婦は内心この腕白ものに愛想をつかしていた時だったから、一刻も早く追い出したさに旗とか太刀とか陣羽織とか、出陣の支度に入用のものは云うなり次第に持たせることにした。のみならず途中の兵糧には、これも桃太郎の注文通り、黍団子さえこしらえてやったのである。

桃太郎は意気揚々と鬼が島征伐の途に上った。すると大きい野良犬が一匹、饑えた眼を光らせながら、こう桃太郎へ声をかけた。

「桃太郎さん。桃太郎さん。お腰に下げたのは何でございます？」

「これは日本一の黍団子だ。」

桃太郎は得意そうに返事をした。勿論実際は日本一かどうか、そんなことは彼にも怪あやしかったのである。けれども犬は黍団子と聞くと、たちまち彼の側へ歩み寄った。

「一つ下さい。お伴しましょう。」

桃太郎は咄嗟に算盤を取った。

「一つはやられぬ。半分やろう。」

犬はしばらく強情に、「一つ下さい」を繰り返した。しかし桃太郎は何といっても「半分やろう」を撤回しない。こうなればあらゆる商売のように、所詮持たぬものは持ったものの意志に服従するばかりである。犬もとうとう嘆息しながら、黍団子を半分貰う代りに、桃太郎の伴をすることになった。

桃太郎はその後犬のほかにも、やはり黍団子の半分の餌食に、猿や雉を家来にした。しかし彼等は残念ながら、あまり仲の好い間がらではない。丈夫な牙を持った犬は意気地のない猿を莫迦にする。黍団子の勘定に素早猿はもっともらしい雉を莫迦にする。地震学などにも通じた雉は頭の鈍い犬を莫迦にする。—こういういがみ合いを続けていたから、桃太郎は彼等を家来にした後も、一通り骨の折れることではなかった。

その上猿は腹が張ると、たちまち不服を唱え出した。どうも黍団子の半分くらいでは、鬼が島征伐の伴をするのも考え物だといいだしたのである。すると犬は吠えたけりながら、いきなり猿を噛かみ殺そうとした。もし雉がとめなかったとすれば、猿は蟹かにの仇打を待たず、この時もう死んでいたかも知れない。しかし雉は犬をなだめながら猿に主従の道徳を教え、桃太郎の命に従えと云った。それでも猿は路ばたの木の上に犬の襲撃を避けた後だったから、容易に雉の言葉を聞き入れなかった。その猿をとうとう得心させたのは確かに桃太郎の手腕である。桃太郎は猿を見上げたまま、日の丸の扇を使い使いわざと冷やかにいい放した。

よしよし、では伴をするな。その代り鬼が島を征伐しても宝物は一つも分けてやらないぞ。」

欲の深い猿は円い眼をした。

「宝物？　へええ、鬼が島には宝物があるのですか？」

「あるところではない。何でも好きなものの振り出せる打出の小槌という宝物さえある。」

「ではその打出の小槌から、幾つもまた打出の小槌を振り出せば、一度に何でも手にはいる訳ですね。それは耳よりの話です。どうかわたしもつれて行ってください。」

桃太郎はもう一度彼等を伴に、鬼が島征伐の途を急いだ。

### 三

鬼が島は絶海の孤島だった。が、世間の思っているように岩山ばかりだった訳ではない。実は椰子の聳えたり、極楽鳥の囀ったりする、美しい天然の楽土だった。こういう楽土に生を享けた鬼は勿論平和を愛していた。いや、鬼というものは元来我々人間よりも享樂的に出来上った種族らしい。瘤取りの話に出て来る鬼は一晩中踊りを踊っている。一寸法師の話に出てくる鬼も一身の危険を顧みず、物詣での姫君に見とれていたらしい。なるほど大江山の酒顛童子や羅生門の茨木童子は稀代の悪人のように思われている。しかし茨木童子などは我々の銀座を愛するように朱雀大路を愛するあまり、時々そっと羅生門へ姿を露わしたのではないであろうか？　酒顛童子も大江山の岩屋に酒ばかり飲んでいたのは確かである。その女人を奪って行ったというのは一真偽はしばらく問わないにしろ、女人自身のいうところに過ぎない。女人自身のいうところをことごとく真実と認めるのは、——わたしはこの二十年来、こういう疑問を抱いている。あの頼光や四

天王はいずれも多少気違いじみた女性崇拜家ではなかったであろうか？

鬼は熱帯的風景の中に琴を弾いたり踊りを踊ったり、古代の詩人の詩を歌ったり、頗る安穩に暮らしていた。そのまた鬼の妻や娘も機を織ったり、酒を醸したり、蘭の花束を拵えたり、我々人間の妻や娘と少しも変らずに暮らしていた。ことにもう髪の毛の白い、牙の脱ぬけた鬼の母はいつも孫の守りをしながら、我々人間の恐ろしさを話して聞かせなどしていたものである。——

「お前たちも悪戯をすると、人間の島へやってしまうよ。人間の島へやられた鬼はあの昔の酒顛童子のように、きっと殺されてしまうのだからね。え、人間というものかい？ 人間というものは角の生えない、生白い顔や手足をした、何ともいわれず気味の悪いものだよ。おまけにまた人間の女と来た日には、その生白い顔や手足へ一面に鉛の粉をなすっているんだよ。それだけならばまだ好いのだからね。男でも女でも同じように、嘘はいうし、欲は深いし、焼餅は焼くし、己惚は強いし、仲間同志殺し合うし、火はつけるし、泥棒はするし、手のつけようのない毛だものなのだよ……」

#### 四

桃太郎はこういう罪のない鬼に建国以来の恐ろしさを与えた。鬼は金棒を忘れたなり、「人間が来たぞ」と叫びながら、亭々と聳えた椰子の間を右往左往に逃げ惑った。

「進め！ 進め！ 鬼という鬼は見つけ次第、一匹も残らず殺してしまえ！」

桃太郎は桃の旗を片手に、日の丸の扇を打ち振り打ち振り、犬猿雉の三匹に号令した。犬猿雉の三匹は仲の好い家来ではなかったかもしれない。が、餓えた動物ほど、忠勇無双の兵卒の資格を具えているものはな

いはずである。彼らは皆あらしのように、逃げまわる鬼を追いまわした。犬はただ一嚙に鬼の若者を嚙み殺した。雉も鋭い嘴に鬼の子供を突き殺した。猿も——猿は我々人間と親類同志の間がらだけに、鬼の娘を絞殺す前に、必ず凌辱を恣のままにした。……

あらゆる罪惡の行われた後、とうとう鬼の酋長は、命をとりとめた数人の鬼と、桃太郎の前に降参した。桃太郎の得意は思うべしである。鬼が島はもう昨日のように、極楽鳥の囀る楽土ではない。椰子の林は至るところに鬼の死骸を撒き散らしている。桃太郎はやはり旗を片手に、三匹の家来を従えたまま、平蜘蛛のようになった鬼の酋長へ厳かにこういい渡した。

「では格別の憐愍により、貴様たちの命は赦してやる。その代りに鬼が島の宝物は一つも残らず献上するのだぞ。」

「はい、献上致します。」

「なおそのほかに貴様の子供を人質のためにさし出すのだぞ。」

「それも承知致しました。」

鬼の酋長はもう一度額を土へすりつけた後、恐る恐る桃太郎へ質問した。

「わたくしどもはあなた様に何か無礼でも致したため、御征伐を受けたことと存じております。しかし実はわたくしを始め、鬼が島の鬼はあなた様にどういう無礼を致したのやら、とんと合点が参りませぬ。ついてはその無礼の次第をお明し下さる訳には参りませぬまいか？」

桃太郎は悠然と頷いた。

「日本一の桃太郎は犬猿雉の三匹の忠義者を召し抱えた故、鬼が島へ征伐に来たのだ。」

「ではそのお三かたをお召し抱えなすったのはどういふ訳でございますか？」

「それはもとより鬼が島を征伐したいと志した故、黍団子をやっても召し抱えたのだ。——どうだ？」

これでもまだわからないといえ、貴様たちも皆殺してしまふぞ。」

鬼の首長は驚いたように、三尺ほど後ろへ飛び下ると、いよいよまた丁寧にお時儀をした。

## 五

日本一の桃太郎は犬猿雉の三匹と、人質に取った鬼の子供に宝物の車を引かせながら、得得と故郷へ凱旋した。——これだけはもう日本中の子供のとうに知っている話である。しかし桃太郎は必ずしも幸福に一生を送った訳ではない。鬼の子供は一人前になると番人の雉を噛み殺した上、たちまち鬼が島へ逐電した。のみならず鬼が島に生き残った鬼は時々海を渡って来ては、桃太郎の屋形へ火をつけたり、桃太郎の寝首をかこうとした。何でも猿の殺されたのは人違いだったらしいという噂である。桃太郎はこういう重ね重ねの不幸に嘆息を洩もらさずにはいられなかった。

「どうも鬼というものの執念の深いのには困ったものだ。」

「やっと命を助けて頂いた御主人の大恩さえ忘れるとは怪からぬ奴らでございます。」

犬も桃太郎の渋面を見ると、口惜しそうにいつも唸ったものである。

その間も寂しい鬼が島の磯には、美しい熱帯の月明を浴びた鬼の若者が五、六人、鬼が島の独立を計画するため、椰子の実に爆弾を仕こんでいた。優しい鬼の娘たちに恋をすることさえ忘れたのか、黙々と、しかし嬉しそうに茶碗ほどの目の玉を赫かせながら。……

## 六

人間の知らない山の奥に雲霧を破った桃の木は今日もなお昔のように、累々と無数の実をつけてい

る。勿論桃太郎を孕はらんでいた実だけはとうに谷川を流れ去ってしまった。しかし未来の天才はまだそれらの実の中に何人とも知らず眠っている。あの大きい八咫鴉は今度はいつこの木の梢へもう一度姿を露わすであろう？ ああ、未来の天才はまだそれらの実の中に何人とも知らず眠っている。……

(大正十三年六月)<sup>2</sup>

---

<sup>2</sup> Data que constava no original retirado de Aozora Bunko.



*Tradução e comentários por*  
André Felipe de Sousa Almeida

## Momotarô

(Akutagawa Ryûnosuke)

### Um

Num tempo muito, muitíssimo remoto, no mais longínquo interior de uma região montanhosa, havia um grande pessegueiro. Talvez “grande” apenas não seria suficiente para descrevê-lo. Os galhos dessa árvore se estendiam para além das nuvens e suas raízes penetravam nas profundezas da terra, atingindo até mesmo o Reino da Escuridão. Conta-se que durante a criação dos Céus e da Terra, o todo poderoso Izanagi arremessou pêssegos contra os oito deuses-trovão com o fim de rechaçá-los de volta ao Reino da Escuridão. E foi de um desses frutos mitológicos que se originou esse grande pessegueiro de extensos galhos.

Desde o despertar do mundo, essa árvore florescia uma vez a cada dez mil anos; e também, a cada dez mil anos, frutificava apenas uma vez. Suas flores assemelhavam-se a guarda-chuvas carmesins com cachos dourados dependurados. Quanto a seus frutos, desnecessário

dizer que também eram enormes. Certamente, o mais curioso, porém, é que, em vez de caroços, estes geravam dentro de si um lindo bebê.

Num tempo muito, muitíssimo remoto, os galhos dessa árvore que cobriam o vale montanhoso estavam apinhados de pêssegos que tranquilamente banhavam-se à luz do sol. Esses frutos que brotavam uma vez a cada dez mil anos somente caíam ao solo após decorrer um milênio. Mas, em certa manhã solitária, o destino tomou a forma de um corvo mítico gigante, o Yatagarasu, que pousou repentinamente num galho e, a bicadas, derrubou um pequeno fruto levemente avermelhado, fazendo-o despencar por entre nuvens e neblinas, até cair num longínquo riacho. Esse riacho, que corria por entre os vales montanhosos, formava uma alva bruma flutuante que carregou o fruto para um lugar habitado por humanos, como há de se saber.

Quem haveria de pegar aquele pêssego que carregava um bebê dentro de si, após o fruto se afastar do longínquo interior das montanhas? A essa altura, creio não ser necessário contar a vocês. Como é do conhecimento de todas as crianças do Japão, no fim do riacho havia uma senhora. Ela lavava as roupas de seu marido que fora pegar lenha...

## Dois

Momotarô, aquele menino que nascera de dentro do pêssego, teve a ideia de conquistar a Ilha dos Ogros. O que o motivara a tomar tal decisão foi o fato de que, diferente do casal de velhinhas que o encontraram, ele detestava sair para trabalhar nas montanhas, nos rios e na lavoura. Quando o casal de velhinhas soube da intenção de Momotarô, tratou logo de expulsá-lo, uma vez que eles já não aguentavam mais suas travessuras. E com o intuito de se livrar dele o quanto antes, ofereceu-lhe prontamente uma bandeira, uma espada, um capote de batalha e outras coisas necessárias para a viagem. Além disso, prepararam-lhe bolinhos de cereal — do jeito que Momotarô havia ordenado — para lanchar durante a expedição.

Momotarô partiu triunfante para conquistar a Ilha dos Ogros e, no caminho, ele se deparou com um enorme cão abandonado que, de tão esfomeado, seus olhos chegavam a brilhar. Assim que o cão avistou Momotarô, indagou:

— Momotarô, Momotarô, o que trazes pendurado em tua cintura?

— São os melhores bolinhos de cereal do Japão.

Momotarô respondeu todo orgulhoso, apesar de ele próprio não ter lá tanta certeza do que afirmara. Entretanto, assim que o cão soube que se tratava de bolinhos de cereal, logo se aproximou dele e disse:

— Dá-me um, por favor. Irei te acompanhar.

Momotarô prontamente pegou seu ábaco.

— Não posso te dar um inteiro. Vou te dar metade.

Um tempo depois, o cão voltou a repetir insistente:

— Dá-me um, por favor.

Entretanto, Momotarô replicou, mantendo sua decisão:

— Te darei metade.

O cão continuou a pedir insistentemente:

— Dê-me um, por favor.

Mas, Momotarô não cedia por nada, replicando:

— Te dou a metade.

E, no fim das contas, como em toda negociação, quem não tem acaba se submetendo a quem tem. O cão soltou um suspiro e finalmente aceitou acompanhar Momotarô em troca de meio bolinho.

Além do cão, Momotarô também tomou como servos um macaco e um faisão, oferecendo em troca apenas metade de um bolinho para cada um. Todavia, a relação destes não era nada amigável. O cão, que possuía presas poderosas, fazia o covarde macaco de tolo. O macaco, que era exímio contador de bolinhos, fazia o sério faisão de tolo. E o faisão que, dentre outras coisas, entendia de sismologia, fazia o estúpido cão de tolo. Como havia entre seus servos esse tipo de disputa, era muito trabalhoso para Momotarô ter de lidar com eles.

Ademais, era só o macaco ficar de barriga cheia para ele resmungar suas insatisfações. Declarava não valer a pena ir atrás dos ogros em troca de apenas metade de um bolinho. Dito isto, o cachorro latiu muito alto, e, inesperadamente, tentou abater o macaco com suas mordidas. Se o faisão não o tivesse detido naquele instante, o macaco possivelmente estaria morto antes de o caranguejo poder se vingar<sup>1</sup>, como aconteceu naquela velha história. Enquanto o faisão acalmava os ânimos do cachorro, também se incumbiu de explicar ao macaco que existia uma hierarquia e que a sua conduta deveria ser a de obedecer às ordens de Momotarô. Ao se esquivar dos ataques do cachorro, o macaco subiu numa árvore à beira da estrada, relutando em aceitar de bom grado as palavras do faisão. Mas o que de fato convenceu o macaco foi a habilidade de Momotarô que, após lançar um olhar propositadamente indiferente para o cimo da árvore, abanou seu leque com o símbolo do Sol nascente e comentou:

— Tudo bem, então não precisa me acompanhar. Sendo assim, não dividirei nenhum tesouro com você, mesmo que eu conquiste a Ilha dos Ogres.

O macaco ganancioso arregalou os olhos.

— Tesouro? Ah é? Tem um tesouro na Ilha dos Ogres?!

— Não é só. Lá tem também um tesouro chamado Martelinho de Uchide, que realiza todos os nossos desejos.

— Então, se eu pedir uma quantidade grande de Martelinhos de Uchide, posso ter tudo que eu desejo de uma só vez, certo? Isso muito me interessa. Por favor, meu senhor, permita-me acompanhá-lo em sua jornada.

Momotarô conseguiu reunir os animais novamente e, junto deles, apressou-se a caminho da Ilha dos Ogres para conquistá-la.

---

<sup>1</sup> Referência a outra fábula japonesa, conhecida como *Saru Kani Gassen* (A Batalha do Macaco e do Caranguejo), na qual um macaco mata um caranguejo e em seguida é morto pelos descendentes desse caranguejo.

## Três

A Ilha dos Ogros ficava isolada num oceano longínquo. Porém, ao contrário do que os humanos poderiam imaginar, não era uma ilha formada apenas de montanhas e rochas. De fato, sua natureza tinha uma beleza celestial. Lá cresciam coqueiros e havia pássaros paradisíacos a cantarolar. Os ogros que viviam naquele paraíso amavam a paz, como haveria de se saber. Bem, na verdade esses ogros eram, aparentemente, uma espécie que conseguia viver mais prazerosamente que até mesmo nós humanos.

Os ogros que aparecem na história do Velhinho do Calombo — Kobutori — dançam durante a noite inteira. E o que aparece na história do menino do tamanho de um polegar — Issunbôshi —, ignorou o risco de ser capturado ao se encantar por uma dama que visitava o templo. O ogro Shuten-dôji do Monte Ôe e o Ibaragi-dôji do Rashômon são aqueles que, de fato, são considerados seres maléficos e perversos. Mas, não seria o caso de cogitar que o real motivo de Ibaragi-dôji e os outros ogros aparecerem de vez em quando no Rashômon poderia ser pelo fato de eles apreciarem a Avenida Suzaku assim como nós igualmente apreciamos a nossa Ginza? Não podemos ignorar o fato de que Shuten-dôji vivia bebendo saquê na caverna do Monte Ôe, mas convenhamos que a história de que ele saía para raptar moças — por ora, não entrarei no mérito se isso é verdade ou não — é a versão contada pelas mulheres. No entanto, há vinte anos carrego a dúvida sobre a veracidade dessa história. Será que tanto Raikô quanto Shiten'nô não seriam apenas um tipo de ogro que admirava mulheres ligeiramente ensandecidas?

Em meio a um cenário tropical, os ogros viviam na mais perfeita tranquilidade, onde tocavam *koto*, dançavam e recitavam versos de poetas antigos. Além disso, suas esposas e filhas teciam roupas, fabricavam saquê e faziam buquê de orquídeas. O modo de vida delas não era muito diferente do de nossas esposas e filhas. Em especial, as mães dos ogros, sem suas presas e com cabelos grisalhos, costumavam

contar histórias de terror sobre nós seres humanos, quando tomavam conta de seus netos:

— Se vocês fizerem alguma travessura, serão mandados para a Ilha dos Humanos! Os ogros enviados para aquele lugar sempre acabam sendo mortos. Como aconteceu no passado com aquele Shuten-dôji. O quê? O que são humanos? Em suas cabeças não nascem chifres, e seus rostos, braços e pernas são pálidos. Sem dizer que são criaturas repugnantes! Para piorar ainda mais, as mulheres humanas esfregam pó de chumbo em seus rostos, braços e pernas! E tem mais... Tanto os homens quanto as mulheres contam mentiras, são profundamente avarentos, sentem inveja, são muito arrogantes, matam uns aos outros, ateiaram fogo nas coisas, roubam... São bichos que não têm salvação...

## Quatro

Momotarô levou a esses ogros inocentes o terror que nunca haviam sentido desde a fundação de seu país. Os ogros abandonaram seus porretes de ferro, e enquanto gritavam: “Tem um humano aqui!”, fugiam desorientados, correndo de um lado para outro por entre os enormes coqueiros.

— Avante! Avante! Matem os ogros assim que os encontrarem! Não deixem nenhum deles escapar!

Segurando uma bandeira com o desenho de um pêssigo em uma das mãos, e abanando seu leque do Sol nascente com a outra, Momotarô dava ordens ao cão, ao macaco e ao faisão. Talvez os três animais não fossem lá servos muito amistosos. Contudo, certamente não haveria de existir soldados tão leais e com tamanha bravura do que animais famintos. Como uma tempestade, eles perseguiram os ogros que fugiam. O cão, com uma só mordida, levou um jovem ogro à morte. Com o seu bico pontiagudo, o faisão golpeou um filhote de ogro. O macaco — principalmente por ter uma relação de



parentesco com nós, seres humanos — antes de estrangular as jovens ogros sempre fazia questão de estuprá-las...

Após o bando cometer uma infinidade de crimes, o chefe dos ogros e alguns que por sorte escaparam da morte resolveram se render diante de Momotarô. Imaginem o quão imenso foi o seu sentimento de satisfação. A Ilha dos Ogros já não era o paraíso do dia anterior, onde havia pássaros paradisíacos a cantarolar. Os corpos dos ogros mortos se espalhavam pelo coqueiral. Como era de se esperar, Momotarô abanava o leque em uma de suas mãos e, da mesma forma como costumava ordenar aos seus três servos, disse majestosamente ao chefe dos ogros, que se prostrava a seus pés:

— Pois bem. Por compaixão, vou abrir uma exceção e pouparei suas vidas. Mas, em troca, vocês devem me presentear com todos os tesouros existentes nesta ilha.

— Sim senhor. Faremos isso.

— Também quero os seus filhos como reféns.

— Sim senhor. Seu desejo é uma ordem.

Após se curvar a ponto de esfregar a testa no chão, o chefe dos ogros timidamente indagou:

— Estamos cientes de que provocamos algum tipo de ofensa para com o senhor e, por isso, aceitamos que queira nos subjugar. No entanto, eu e os ogros desta ilha não chegamos a nenhum consenso sobre o tipo de ofensa que poderíamos ter causado ao senhor. Por isso, será que o senhor poderia nos fazer a gentileza de dizer que tipo de ofensa lhe causamos?

Momotarô balançou a cabeça calmamente e respondeu:

— Eu, Momotarô, o número um do Japão, recrutei esses três fiéis servos para poder conquistar a Ilha dos Ogros.

— Por que o senhor escolheu justamente esses três animais para serem seus fiéis seguidores?

— Bem, como desde o início eu já desejava conquistar a Ilha dos Ogros, dei-lhes bolinhos para recrutá-los... E então? Se você



disser que ainda não entendeu o porquê de eu vir aqui, vou acabar com vocês!

O chefe dos ogros, apavorado, deu um salto de cerca de um metro para trás e, novamente, curvou-se em sinal de respeitosa reverência.

## Cinco

Momotarô, o número um do Japão, fez seus três servos — o cão, o macaco e o faisão — e as crianças tomadas como reféns carregarem uma carroça com os tesouros e regressou triunfante para a sua terra natal. Essa parte da história é aquela que todas as crianças japonesas já conhecem. Mas aquela parte em que se diz que Momotarô “viveu feliz para sempre” não é exatamente a pura verdade. Assim que as crianças ogro cresceram e se tornaram adultas, elas não só mataram a mordidas o faisão que fazia a guarda, como também conseguiram voltar para a Ilha dos Ogres. Além disso, os ogros que restavam na ilha às vezes atravessavam o oceano para atear fogo no castelo de Momotarô e tentar cortar o seu pescoço enquanto dormia. Correm boatos de que, numa dessas tentativas, eles acabaram matando o macaco por engano. Momotarô não pôde deixar de expressar seu descontentamento diante desses sucessivos infortúnios:

— A obsessiva sede de vingança desses ogros é um problema!

— Como eles podem ser tão ingratos a ponto de esquecer que quem lhes poupou a vida foi justamente eu.

Toda vez que o cachorro olhava para o rosto descontente de Momotarô, uivava de modo lastimável.

Naquele momento, na tristonha praia da Ilha dos Ogres, sob a bela luz do luar, cinco ou seis jovens ogros planejavam conquistar a independência de sua ilha, armando bombas nos cocos. E do modo como agiam silenciosamente, com um brilho de felicidade nos olhos do tamanho de tigelas... até pareciam ter esquecido de fazer amor com suas dóceis ograd.



## Seis

Ainda hoje, nas profundezas de uma região montanhosa desconhecida pelos homens, existe, desde os tempos imemoriais, um pessegueiro cujos galhos apinhados de frutos se estendem para além da névoa e das nuvens. De certo, o fruto que carregava Momotarô foi levado pelo riacho que corta o vale. Porém, ninguém há de saber quantos futuros gênios ainda adormecem dentro daqueles frutos. Quando será que o enorme corvo mítico Yatagarasu pousará novamente no topo dessa árvore? Ah, ninguém há de saber quantos futuros gênios ainda adormecem dentro daqueles frutos...

Junho de 1924 (Ano 13 de Taishô)



A tradução do conto *Momotarô* de Ryûnosuke Akutagawa esbarrou numa série de dificuldades, algumas delas advindas da própria complexidade da escrita desse autor. Akutagawa, conhecido por ser um “intelectual esteta”, foi um especialista em narrativas estetizadas, inspiradas na história literária e em personagens históricos e seus embates éticos e estéticos (CORDARO, 2013, p.14). Sendo assim, sua escrita é marcada por um alto senso de estética, com descrições minuciosamente detalhadas, construções elaboradas, vocabulário exuberante; além de ser repleta de intertextualidades que dialogam com elementos históricos do folclore do Japão (em *Momotarô* encontramos referência a diversos desses elementos, como a própria fábula de Momotarô, Izanagi, Yatagarasu, Issun Bôshi, etc). O primeiro passo dado ao se fazer a tradução desse conto, portanto, foi superar as limitações linguísticas para tentar decifrar essa linguagem complexa, típica de Akutagawa, e pesquisar sobre toda essa gama de referências encontradas no conto.

Muitos dos entraves ao se traduzir *Momotarô*, porém, foram ocasionados devido à própria distância entre o japonês e o português (línguas de partida e chegada, respectivamente). Como, por exemplo, as formas de tratamento e as expressões honoríficas, típicas da língua japonesa e que não possuem correspondentes equivalentes



no português. Esse linguajar ocorre no texto principalmente na forma *sonkeigo*, que denota humildade e inferioridade do falante a um interlocutor hierarquicamente superior. Encontramos esse tipo de linguagem nas passagens em que os animais se dirigem a seu amo – Momotarô –, e, ainda com mais evidência, no momento em que o chefe dos *oni*, derrotado de maneira humilhante, se dirige a seu conquistador – também Momotarô –, como nos trechos abaixo:

(1) 「桃太郎さん。桃太郎さん。お腰に下げたのは何でございます？」

- Momotarô, Momotarô, o que é isso que trazes contigo pendurado em tua coxa?

(2) ついてはその無礼の次第をお明あかし下さるわけには参りますまいか？

*Sendo assim, o senhor poderia, se possível, nos esclarecer quais seriam as circunstâncias de tais estorvos?*

Como pode ser observado nos exemplos acima, no lugar da linguagem modesta, optou-se pela utilização de construções com *tu* e *o senhor* (exemplo 1 e 2), pronomes da língua portuguesa que possuem conotação aproximada ao *sonkeigo* da língua japonesa. Em adição, deu-se preferência a uma linguagem mais polida com o uso do futuro do pretérito (exemplo 2) como uma estratégia de atenuação do pedido feito pelo chefe dos *oni*.

Ainda no que toca a formalidade da linguagem, observa-se no texto original um contraste entre as falas dos subordinados/conquistados – os animais e o chefe dos *oni* – e o amo/conquistador – Momotarô. Ao passo em que aqueles usam uma linguagem mais polida, com terminações em *-masu* e *-desu*, por exemplo; este faz uso de construções mais informais, como as terminações em *-da*, verbos em *rentaikei*, uso do *kakarijoshi* -*zo*, etc. Na medida do possível, algumas dessas diferenças foram preservadas na tradução para o português,

pois entendeu-se que se tratam de mais um recurso empregado pelo autor para construir as personalidades e, em especial, para reforçar a arrogância de Momotarô sobre os demais personagens. Para tanto, na tradução para o português, utilizou-se construções menos elaboradas e mais próximas da linguagem falada para Momotarô e construções mais polidas para os demais personagens, como nos seguintes exemplos:

(3) 「一つ下さい。」  
- *Dá-me um, por favor.*

(4) 「半分やろう。」  
- *Vou te dar metade.*

Como se observa acima, na fala do cão (exemplo 3), optou-se pela ênclise (*Dá-me*) no lugar da forma mais usual na língua de chegada, isto é, a próclise (*Me dá*). Em contrapartida, na fala de Momotarô (exemplo 4), preferiu-se utilizar o futuro composto com próclise (*Vou te dar*), mais informal, ao invés do futuro simples com mesóclise (*Dar-te-ei*), mais formal.

Além desses aspectos referentes à formalidade, encontram-se no texto outras peculiaridades linguísticas do japonês que demandaram grande esforço ao serem traduzidas para o português. A começar pelas palavras e expressões que compõem o universo cultural japonês. Muitas delas, tais como *yama-no-oku*, *kibidango*, *jimbaori*, *oni*, etc., são virtualmente intraduzíveis fora do contexto cultural do Japão, não havendo um equivalente “perfeito” em nossa língua. Para solucionar tal problema, procurou-se, até certo ponto, utilizar uma abordagem pró-alvo. Essa estratégia empregada consiste, portanto, em tentar recriar o efeito dessas palavras e expressões através da utilização de um vocabulário aproximado, dos quais os leitores brasileiros têm conhecimento. Esse recurso evita explicações e notas de rodapé, que tornam o texto literário mais rígido e menos espontâneo.

O grande dilema que surge, porém, quando se lança mão dessa estratégia pró-alvo é que, apesar de fazer com que o texto soe mais natural, mais facilmente assimilável na nossa cultura; corre-se o risco de se “apagar” as características linguísticas e culturais do texto original. Oustinoff argumenta que essa “transparência”, isto é, a naturalização do texto de partida, reforça ainda mais o efeito uniformizador do etnocentrismo, em detrimento das demais culturas (2011, p.47). Levando em consideração essa possibilidade, essa tradução tentou evitar, quando possível, “aportuguesar” ou “abrasileirar” o texto original, mantendo-se alguns elementos da língua de partida.

### **Referências:**

AKUTAGAWA, Ryûnosuke. *Rashômon* e outros contos. Org e trad. de Madalena Hashimoto Cordaro e Junko Ota. São Paulo: Hedra, 2013.

OUSTINOFF, Michaël. *Tradução: História, teorias e métodos*. Trad. de Marcos Marcionilo. São Paulo: Parábola Editorial, 2011.

*Tradução e comentários por*  
José Maurício de Faria Yoshitake

## O Menino do Pêssego

Ryunosuke Akutagawa

### 1

Muito, muito, muitíssimo tempo atrás, havia um grande pessegueiro no interior de uma floresta. Talvez seja pouco dizer que era grande. Os ramos deste pessegueiro se lançavam acima das nuvens, e suas raízes desciam até o reino dos mortos. Dizem que quando fugia do reino dos mortos e era perseguido pelos Oito Deuses do Trovão, que haviam nascido do corpo em decomposição de sua amada Izanami, o deus patriarca do Japão, Izanagi, arremessou pêssegos para afugentá-los, e tal árvore nasceu de um daqueles pêssegos da era dos deuses.

Desde a aurora do mundo, essa árvore florescia uma vez a cada dez mil anos, e a cada dez mil anos frutificava uma única vez. As flores pareciam sombrinhas carmesim de onde pendiam cachos de ouro. Quanto aos frutos, não preciso dizer que também eram enormes. Fora isso, porém, e mais incrível ainda, era natural que cada um gestasse um adorável bebê em seu miolo.





Muito, muito, muitíssimo tempo atrás, nesta árvore cujos ramos cobriam vales, frutos abundantes se apinhavam tranquilamente sob o sol. Aqueles frutos que nasciam a cada dez mil anos permaneciam durante mil anos nos ramos. Entretanto, em uma manhã melancólica, o destino se manifestou na forma de um grande corvo de três patas chamado Yatagarasu, que repentinamente pousou naqueles ramos. A ave deu uma bicada e derrubou um pequeno fruto que já estava amadurecendo. Varando as nuvens e a neblina que pairavam, o fruto caiu dentro do rio que descia pelo vale e seguia para longe. O riacho naturalmente liberava uma neblina branca por entre as montanhas em seu curso até o reino dos seres humanos.

Quem recolheu este fruto que gestava um bebê quando saiu das profundezas da floresta pelo rio? — nem é preciso dizer. No final do rio que descia pelo vale — como toda criança japonesa sabe — uma velhinha solitária lavava as roupas do velhinho lenhador, que havia saído para cortar lenha. (...)

## 2

O Menino nascido do pêsego resolveu conquistar a Ilha dos Onis. A julgar pela resolução, parecia inevitável tanto para o velhinho quanto para a velhinha que ele naturalmente abandonasse o trabalho na montanha, no rio e na lavoura, para sair ao mundo. Assim que o casal de velhinhos ouviu tal história, eles perderam a paciência com a rebeldia que havia no coração do menino e imediatamente tiraram de casa uma bandeira, uma espada e um uniforme de guerra, e lhe entregaram, pois era necessário como preparação para a partida, e a seguir recomendaram que ele levasse aquilo tudo consigo. Da mesma forma, quanto à marmita para a viagem, a única solicitação do Menino foi que preparassem bolinhos de milhete para ele levar.

O Menino seguiu pelo caminho em direção à Ilha dos Onis com uma disposição triunfal. Pouco tempo depois, um grande vira-lata

brilhou os olhos famintos ao mesmo tempo em que levantou a voz para o Menino, dizendo:

— Sr. Menino do Pêssego. Sr. Menino do Pêssego. O que seria isso que você traz junto à sua cintura?

— Estes são os melhores bolinhos de milhete do Japão.

O Menino respondeu realmente com muito orgulho. Obviamente, sendo verdade ou não, tal coisa trouxe curiosidade sobre ele. O cachorro, no entanto, escutou sobre os bolinhos e subitamente deu um passo mais para perto.

— Poderia me dar um, por favor? Eu o seguirei.

O Menino tomou prontamente o ábaco.

— Um inteiro não dá. Que tal a metade?

O cachorro, em um momento de teimosia, repetiu: “Um inteiro, por favor.” Mas o Menino não voltou atrás quanto ao “Que tal a metade?” de jeito nenhum. No final, este pequeno rosnado parece mostrar que quem não possuía se submeteu a quem possuía apenas pela vontade de possuir. O cachorro resmungou ainda uma última vez quando se tornou servo do Menino, recebendo meio bolinho em troca.

Depois disso, o Menino fez outros servos além do cachorro: o macaco e o faisão verde, ambos vítimas de meios bolinhos de milhete, é claro. Porém, eles também deram azar no relacionamento entre si, que não era nada bom. O cachorro, que possuía presas robustas, fez de bobo o macaco, que era covarde. O macaco, por sua vez, calculando os bolinhos com agilidade, também fez de bobo o solene faisão. O faisão, que era estudado, sismólogo e tal, fez pouco caso do cachorro recalcitrante. Por ficarem competindo entre si desse jeito, o Menino não teve tanto trabalho, mesmo depois de tê-los feito seus servos.

Somando-se a isso, depois de o macaco encher a pança, de repente começou a reclamar. Nada satisfeito com o meio bolinho, iniciou dizendo que participar da conquista da Ilha dos Onis era um problema detestável. O cachorro latiu para o macaco ao mesmo tempo

em que tentava mordê-lo. Caso o faisão não o tivesse impedido, o macaco não esperaria a vingança do caranguejo, talvez já estivesse morto àquela altura. No entanto, o faisão acalmou o cachorro ao mesmo tempo em que deu uma lição de moral sobre “senhor e servo” ao macaco, dizendo-lhe que obedecesse as ordens do Menino. Mesmo assim, o macaco seguiu pelo alto das árvores na beira do caminho porque era mais natural ele evitar o ataque do cachorro do que dar ouvidos às palavras do faisão. Tal macaco certamente só foi convencido pela habilidade do Menino do Pêssego. Ele levantou o olhar até o macaco, abanou seu leque dobrável com a bandeira do Japão e permaneceu se refrescando.

— Tudo bem, tudo bem, então não me acompanhe. Mas, por outro lado, se de fato conquistarmos a Ilha dos Onis, não vou dividir contigo nenhum dos tesouros.

O macaco, que era profundamente avarento, arregalou os olhos.

— Tesouro? É mesmo? Existem tesouros na Ilha dos Onis?

— Isso é o de menos! Mas ouvi dizer que se o tal tesouro existir mesmo, trata-se do tal Martelinho Mágico, um martelo que concede todos os desejos de quem o bate.

— Então, quer dizer que se eu me apossar dele, poderei bater com ele diversas vezes, obtendo tudo que quiser de uma vez só. Isso é muito encorajador! Seja como for, permita-me acompanhá-lo.

O Menino, uma vez mais acompanhado pelos três animais, acelerou o passo no caminho para a conquista da Ilha dos Onis.

### 3

A Ilha dos Onis era uma ilha solitária em um mar distante. Porém, no meu modo de ver, isso não quer dizer que ela seja apenas uma montanha cheia de rochas. Na verdade, ela tinha belos coqueiros, aves do paraíso, era um jardim de belezas naturais. Em um paraíso como esse, os onis que receberam essa vida obviamente amavam a paz. Bem, os tais onis aparentemente tinham uma tendência natural,

maior do que a nossa, humana, à busca do prazer. O oni que aparece na história do Velho do Calombo dança e vira a noite dançando. Na história do Pequetito também surge um oni, aparentemente encantado com a princesa que visitava o templo, e ia vê-la arriscando a própria pele. De fato, Shuten Dôji do Monte Ôe e Ibaragi Dôji do Rashômon parecem ambos serem casos raros de vilões onis. Entretanto, será que Ibaragi Dôji e os outros não apareciam sorratamente no Rashômon, vez ou outra, por amar demais a avenida Suzaku do mesmo modo que amamos o bulevar Ginza? Se bem me lembro, Shuten Dôji também só queria saber de tomar saquê na caverna do Monte Ôe. Qual seria a fidedignidade do relato das mulheres que foram sequestradas? Nestes últimos vinte anos, carrego comigo a seguinte dúvida: Que Raikô e os Quatro Reis Celestiais, todos eles, de certa forma pareciam maníacos adoradores de mulheres, não?

Os onis viviam extremamente tranquilos na paisagem tropical, tocavam koto, dançavam suas danças, declamavam poemas dos poetas antigos... Além disso, as esposas e filhas dos onis não viviam de maneira nem um pouco diferente das nossas esposas e filhas humanas, teciam nos teares, produziam saquê, preparavam arranjos de orquídeas... As mães onis, com presas faltando e cabelos mais brancos, particularmente, sempre cuidavam dos netos enquanto contavam histórias horripilantes sobre nós, os humanos.

— Se vocês fizerem travessuras vou mandar para a ilha dos humanos, entenderam? Os onis que forem para a ilha dos humanos sem dúvida serão mortos, como aconteceu com Shuten Dôji antigamente.

— Hein, as criaturas chamadas humanos? As criaturas humanas são as que não têm chifres, são horrendas com a cara e os membros pálidos e coisas macabras que eu não vou contar! Para piorar as coisas ainda mais, em se tratando das mulheres humanas, ficam passando pó de chumbo em toda a superfície daquelas caras e membros pálidos. Mas se fosse só isso ainda estaria bom... Tanto as mulheres quanto os homens falam mentiras, são profundamente avarentos, ciumentos,



fortemente arrogantes, matam seus semelhantes, fazem incêndios, assaltos... são animais incorrigíveis!...

#### 4

O Menino do Pêssego garantiu um terror nunca visto desde a criação de seu mundo a onis inocentes como esses. O oni largou seu porrete de metal e gritou “O humano chegou!” enquanto correu feito louco para lá e para cá por entre as palmeiras que se erguiam imponentes, tentando escapar.

— Corram! Corram! Encontrem os monstros chamados onis o mais rápido possível e chacinem cada um desses animais, sem exceção!

O Menino segurava a bandeira do pêssego em uma mão e, abrindo e fechando um leque dobrável com o símbolo do sol, dava ordens para o trio cachorro, macaco e faisão. Talvez o cachorro, o macaco e o faisão fossem servos que não se davam. Porém, o animal no limite da fome normalmente não tem a base necessária para exibir qualidades incomparáveis de lealdade e bravura de soldado. Eles pareciam todos uma tempestade, perseguindo os onis que tentavam escapar. O cachorro matava os jovens onis com mordidas. O faisão também os matava, espetando os filhos dos onis com o bico afiado e pontudo. O macaco também os matava - ele tinha uma relação de parentesco com nós humanos-, e como era de se esperar, antes de estrangular as jovens onis até a morte, sempre decidia estuprá-las arbitrariamente....

Depois de todos os crimes praticados, o chefe dos onis se rendeu, com os demais que ainda tinham vida, aos pés do Menino do Pêssego. Deve ter sido o maior triunfo do Menino. A Ilha dos Onis não era mais o paraíso em que gorjeavam as aves do paraíso como anteriormente. O bosque de palmeiras tinha cadáveres de onis espalhados por todos os lados. O Menino, ainda com a bandeira na mão e acompanhado dos três animais recrutas, anunciou ao chefe dos onis, agora prostrado, com uma voz austera:



— Pois bem, graças a uma extraordinária compaixão, eu vou poupar a vida de vocês. Mas, em contrapartida, me entregue todo o tesouro da Ilha dos Onis.

— Sim, entregarei humildemente.

— Além disso, entregue seus filhotes como prisioneiros.

— Também concordo humildemente com isso.

O chefe dos onis se curvou até tocar a testa no solo mais uma vez, e depois perguntou timidamente ao Menino do Pêssego:

— Da minha modesta parte, não importando qual rudeza fora praticada pelo senhor para este fim, creio ter aceitado a honrosa conquista. Na verdade, antes, porém, eu, um oni da Ilha dos Onis, não compreendi inteiramente de que forma posso ter sido desrespeitoso contra o senhor. Tendo isso em mente, o senhor poderia esclarecer as circunstâncias de tal desagravo?

O Menino do Pêssego fez que sim com a cabeça com um ar tranquilo.

— O melhor Menino do Pêssego do Japão, por ter conseguido a lealdade do trio cachorro, macaco e faisão, veio conquistar a Ilha dos Onis.

— Bem, o fato de enfatizar o alistamento daqueles três animais tem qual propósito?

— Quero dizer que planejei conquistar a Ilha dos Onis e matar até o último de vocês mesmo que tivesse que lhes dar bolinhos de milhete. Entendeu? Se ainda não tiver entendido vou aniquilar todos vocês, bastardos.

O chefe dos onis, surpreso, a fim de bater em retirada, saltou um metro para trás e no último momento ainda fez uma respeitosa reverência.

## 5

O Menino do Pêssego número um do Japão e o trio cachorro, macaco e faisão retornaram triunfantes à sua terra natal, enquanto a carroça com o tesouro era puxada pelos filhos dos onis tomados como reféns. Chega apenas até aqui a história que a maioria das crianças de toda parte do Japão conhecem. Entretanto, quanto ao Menino do Pêssego, creio que não foi feliz até o fim da vida. Os filhos dos onis, ao atingirem a idade adulta, mataram o guarda-costas faisão a mordidas, depois fugiram em um instante para a Ilha dos Onis. Por outro lado, um ou outro oni sobrevivente, que às vezes atravessava o mar, planejava atear fogo no pequeno castelo do Menino do Pêssego e cortar sua cabeça enquanto dormia. Ouvi dizer que parecem ter assassinado o macaco por engano. O Menino do Pêssego, por conta dessa série de infortúnios, não conseguiu deixar de expressar sua infelicidade.

— Não é por acaso que são chamados de monstros. Esses caras são vingativos como alguém que se esquece do grande débito para com o herói que salvou sua vida na última hora.

Também o cachorro, olhando para a cara feia do Menino do Pêssego, sempre rosnava concordando com ele.

Enquanto isso, em uma praia deserta na Ilha dos Onis, cinco ou seis jovens onis que se banhavam com o precioso luar tropical, planejavam a independência da Ilha dos Onis e enchiam cocos com bombas. Ao mesmo tempo em que se esqueciam até mesmo de fazer amor com as jovens onis de seu apreço, porém, a silenciosa alegria das criaturas era tal que seus olhos enormes brilhavam intensamente...

## 6

O pessegueiro que rasgava as nuvens e brumas nas profundezas desconhecidas da floresta, ainda nas tardes de hoje, assim como antigamente, continua produzindo pêssegos aos montes. Obviamente, desde muito tempo atrás não aconteceu de um fruto gestando um Menino descer pelo riacho. Porém, quanto ao futuro, ainda não

sabemos que gênio estará dormindo dentro daqueles frutos. Será que aquele grande Yatagarasu aparecerá mais uma vez no topo desta árvore? Oh, quanto aos gênios do futuro, ainda não sabemos quantos estarão dormindo dentro daqueles frutos...

Junho de 1924 (ano XIII da Era Taishô)



## Relato retrospectivo da tradução de *Momotarou* de Akutagawa

Vou começar o relato tentando pontuar minha visão ou expectativa sobre a atividade. Antes de qualquer coisa, deixo aqui minha opinião sobre este tipo de relato: acredito que a retrospectão livre permite o descobrimento qualitativo de processos de tradução. Como comentei ao entregar a versão final da minha tradução, o tempo entre o trabalho regular sobre o *Momotarou* e o momento em que parei para finalizar a tradução teve um hiato que prejudicou e muito a qualidade, principalmente por dois aspectos: memória fraca e japonês ruim. O japonês ruim me desencorajou a retomar praticamente do zero a tradução para finalizá-la, algo que a memória ruim exigia em muitos detalhes que eu fizesse. Infelizmente a vida me exigia o tempo. Para este relato obviamente retrospectivo, deixo a ressalva que faço de forma semelhante aos métodos cognitivos de TAP (*Talk Aloud Protocol*), em que o tradutor “pensa em voz alta” enquanto realiza a tradução. Sabemos que este falar não é simultâneo ao traduzir, mas posterior. Uma fala retrospectiva. Meu relato sobre a tradução que fiz do *Momotarou* não é imediatamente retrospectivo, e conta com o



mesmo hiato da tradução real para a reformulação final. Posto isso, tentarei ficar alerta para evitar inserir coisas que não fizeram parte do meu processo, por crer que haja esta tendência. ***Por outro lado, creio que para a tradução do Semento poderíamos adotar como “boa prática” o anotar de maneira “imediatamente retrospectiva” todo tipo de decisão tradutória,*** para termos ao final do processo relatos já prontos e muito mais próximos do processo vivo da tradução, do traduzir real. Agora vamos ao meu retrospecto...

Meu processo de tradução de qualquer texto em japonês é o seguinte: copiar um parágrafo de cada vez para um arquivo à parte, espaçá-lo através das quebras que são os pontos finais e tentar reconhecer os sintagmas e as relações entre eles. Assim procedi com o *Momotarou*. Este passo é apenas para organizar a coisa. A seguir, eu procuro todas as palavras que não conheço no dicionário (tenho usado o *ejje.weblio.jp* e o *denshi jisho* físico quando o virtual não é suficiente) e vou populando um glossário. Simultaneamente, vou copiando os termos encontrados também no espaço que deixei entre as frases, para ter acesso imediato, com todas as traduções possíveis, caso eu não faça ideia do contexto, ou com as traduções mais próximas do que estou entendendo da frase/parágrafo/texto (aí pode estar uma brecha, pois posso deixar de fora traduções mais apropriadas por haver excluído logo de cara). Meu glossário da tradução do *Momotarou* tem 654 entradas, e não necessariamente são entradas únicas.

Com as possibilidades de tradução para os termos desconhecidos em mãos, começo a tentar entender as frases, uma de cada vez. Me lembro da pergunta de uma moça de Assis quando fizemos nossa apresentação no encontro dos grupos: ela questionou se traduzíamos frase por frase ou parágrafo por parágrafo, provavelmente por mostrarmos nossa sistematização por frases na planilha. A minha tradução parte da frase e vai se expandindo conforme vou traduzindo. Após traduzir uma frase, a próxima frase do parágrafo já é traduzida no contexto do entendimento da anterior, e dos parágrafos

anteriores, e do conhecimento prévio que eu tinha do autor, da obra, do período, etc. Acho que traduzir frase por frase isoladamente com texto em mãos seria uma tarefa impossível de se executar, pois não temos controle das conexões e contextualizações que nosso pensamento faz, e o traduzir é escrever em dada língua o entendimento de algo que li em outra, ou seja, um processo mental, caixa preta. Ao final da tradução de um parágrafo, reviso o resultado e faço uma reformulação. Dependendo do caso, ela pode ser conduzida a um ou outro caminho. Ao final da tradução fiz uma reformulação geral para dar coesão e coerência ao texto (mas até que ponto eu deveria ter feito isso?). Ao mesmo tempo, tento principalmente neutralizar algumas formas estranhas, evitando uma tradução crua e preferindo algo mais legível e que cause estranhamento pelo que é estranho do texto original, e não estranhezas que inseri na tradução.

Até aí, são procedimentos que uso para qualquer texto em japonês, como pontuei. Agora, vamos às questões específicas da tradução do *Momotaru*, que distribuirei em tópicos sem ordem ou lógica intencional entre eles:

1) parágrafo 1: むかし、むかし、大むかし

Notei que o autor quebrou a forma cristalizada da abertura むかし、むかし, acrescentando o 大むかし. Tentei replicar meu entendimento disso, quebrando a forma cristalizada das fábulas em português: “Há muito, muito, muitíssimo tempo atrás”. Julguei ser uma marca autoral importante, um aviso: “estou quebrando as tradições aqui”, e tentei deixar uma marca semelhante com o superlativo absoluto “muitíssimo”.

2) parágrafo 1: ある深い山の奥に大きい桃の木が一本あった

Aqui, uma das maiores fontes de discussão em grupo e dilemas tradutórios. Vejamos a sequência em três momentos da minha tradução:

(3 de maio): “**no interior de certa montanha próxima** havia um grande pessegueiro”

(29 de julho): “havia um grande pessegueiro **no alto de certa montanha**”

(8 de novembro): “havia um grande pessegueiro **no interior de uma floresta**”

Uma reformulação para a ordenação sintática que sinto como usual no português brasileiro e a flutuação da tradução de 深い山の奥に. Um detalhe perigoso: minha insistência em procurar por meses uma tradução adequada diz respeito à inadequação das traduções até então no contexto da frase. Mas e se a primeira tradução soasse bem? Provavelmente não teria existido discussão nem pesquisa.

### 3) parágrafo 1: 何でも天地開闢の頃おい

Minha primeira tradução foi literal: “Ouvi dizer que nos dias em que o céu e a terra foram criados”, porém, nas duas versões seguintes, acabei omitindo qualquer referência temporal:

(29 de julho): “Dizem que”

(8 de novembro): “Dizem que”

Isso revela que a minha primeira reformulação desta frase acabou omitindo este sintagma inteiro: “天地開闢の頃おい”, o que revela - pior ainda - que a minha metodologia permite a propagação deste tipo de omissão.

4) parágrafo 1: 何でも天地開闢の頃おい、伊弉諾の尊は黄最津平阪に八つの雷を却けるため、桃の実を礫に打ったという

Evolução da tradução:

(3 de maio): “Ouvi dizer que nos dias em que o céu e a terra foram criados, Izanagi, com o objetivo de banir os oito trovões<sup>1</sup> em ‘Yomotsuhirasaka’, dizem que atingiu com um pêssgo”

(29 de julho): “Dizem que, com o objetivo de afastar os oito trovões em “Yomotsuhirasaka”<sup>2</sup>, Izanagi arremessou-lhes frutos de pessegueiro“

(8 de novembro): “Dizem que quando fugia do reino dos mortos<sup>3</sup> e era perseguido pelos Oito Deuses do Trovão<sup>4</sup> que haviam nascido do corpo em decomposição de sua amada Izanami, o deus patriarca do Japão Izanagi arremessou pêssgos para afugentá-los<sup>5</sup>”

Deixei aqui no relato as notas de rodapé originais da primeira versão por ser interessante observar o que me levou a esta versão final. Neste trecho, surgem referências diretas à cosmogonia japonesa do Kojiki, amplamente desconhecidas pelo leitor brasileiro. O primeiro rodapé é uma tentativa de paratexto a fim de contextualizar o leitor. Na versão final, procurei reformular o parágrafo todo para evitar o paratexto, mas para tanto, acabei inserindo perífrases lexicais obviamente inexistentes no texto original. Minha preocupação com o entendimento do leitor foi muito mais forte do que qualquer tentativa de preservar a “forma” original. (Aproveito para apontar que prefiro usar o termo “perífrase lexical”<sup>6</sup> ao invés de

---

1 Refere-se a oito entidades relacionadas ao trovão no *Kojiki*.

2 Não consegui encontrar tradução para este longo termo.

3 Optei por omitir “Yomotsuhirasaka” e reforçar a ideia de “reino dos mortos” como uma espécie de “hiperônimo” ou “abstração generalizadora” para evitar o excesso de explicações no corpo do texto.

4 (Fonte: Nikkeypédia)

5 Reordenei a frase para acomodar alguma contextualização. Uma grande unidade de tradução.

6 Perífrase lexical: 1 Ling. Aquela na qual a locução usada substitui uma palavra como expressão de seu significado; circunlóquio. [pode ter objetivos diversos, como amenizar eufemisticamente uma expressão (bem-aventurança eterna em vez de morte), facilitar o entendimento (osso da coxa em vez de fêmur), criar uma imagem simbólica ou metafórica do objeto ou fato (rei dos animais em vez de leão) etc. (Caudas Aulete)



“circunlóquio”<sup>7</sup>, justamente por não possuir o traço pejorativo.) Mais adiante, quando surge o 八咫鴉, também optei inicialmente pelo rodapé: “Yatagarasu”<sup>8</sup>, e depois pela perífrase: “um grande corvo de três pernas chamado Yatagarasu”. Nesta última versão, omiti referências posteriores ao papel do Yatagarasu na mitologia. Já no parágrafo 15, em que Akutagawa faz referência à vingança fabulosa do caranguejo contra o macaco, acabei achando que uma perífrase quebraria o ritmo daquele trecho da narrativa, pois já está em um contexto de diálogo e ação, não de descrição.

### 5) Menino-pêssego X Menino do Pêssego

Como traduzir 桃太郎? Primeiro optei por Menino-pêssego, por julgar que “Tarou” fosse uma espécie de “Jack” ou “João” ou mesmo “Ivan”, ou seja, um nome “genérico” para crianças. Depois, preferi Menino do Pêssego por sua ligação com o pêssego ser apenas “genealógica”, conectando-o na história do Japão e do próprio ser humano. Por outro lado, olhando agora com olhos ocidentais contemporâneos para o 太郎, encontro uma tradução como “quebra-nozes”, que, cá entre nós, é outro nome para o famoso “golpe baixo”. O Momotarou do Akutagawa possui este traço, coincidência ou não. Por outro lado, dizem que para a semente do pêssego germinar, é preciso que a carapaça seja quebrada externamente, então o nome Momotarou poderia trazer mais significações a partir daí. Tudo isso para reforçar minha tese de que a tradução é o resultado de um processo instantâneo, único e irrepetível.

---

7 1. Uso de muitas ou excessivas palavras para exprimir algo de modo indireto, ou por alusões ou referências vagas; fala ou escrita em que se rodeia um assunto, sem ir diretamente ao ponto.; (Caudas Aulete)

8 Corvo místico/mitológico presente no *Kojiki*. “*the appearance of the great bird is construed as evidence of the will of Heaven or divine intervention in human affairs.*” <http://en.wikipedia.org/wiki/Yatagarasu#Japan>) “Yatagarasu guiou o imperador Jimmu até a planície de Yamato” (<http://madeinjapan.uol.com.br/2011/06/06/yatagarasu-guiou-primeiro-imperador-do-japao-segundo-lenda/>)



6) parágrafo 10: 「一つ下さい。お伴しましょう。」

Minha versão final para esta tradução ficou assim: “- Poderia me dar um, por favor? Eu o acompanharei.”. A fala do cachorro é tremendamente sintética. Optei por esta forma expandida para tentar acomodar a tradução em uma fórmula que fosse a mais sintética possível no português brasileiro (paulistano). Este trecho confirma e suscita a necessidade do estudo e da construção de uma sintaxe e uma estilística comparada japonês-português enquanto ferramenta de suporte ao traduzir.

7) parágrafo 13: 所詮持たぬものは持ったものの意志に服従するばかりである。

Este período me pareceu saltar para fora do texto. Me causou estranhamento, por ser uma espécie de julgamento por parte do narrador, coisa atípica em fábulas, a meu ver (posso estar enganado, claro). Tentei, então, deixar na minha tradução algo de estranheza: “No final, quem não tinha posse se submeteu apenas pela vontade de possuir”. Essa declaração lembra a mais-valia, a exploração do homem pelo homem, a manutenção do abismo social e da massa de desempregados como objeto de chantagem e persuasão por parte dos que possuem contra os que não possuem, a fim de sujeitá-los ao papel de peças que movem a máquina capitalista. Isso retoma o traço de “golpe baixo” de 太郎 enquanto “quebra-nozes” (lembrando que tudo isso pode surgir de leituras mais que subjetivas da minha parte, ou seja, interpretações descoladas do texto fonte por falta de fluência na LF). Seja como for, um período estranho como este pode conseguir chamar atenção para si mesmo, atraindo a curiosidade do leitor para um tema subjacente, e a tendência do tradutor - a minha,



pelo menos - é “desestranhar” o trecho, “esclarecê-lo”, etc. Tentei não fazer isso, mas não sei se consegui.

8) parágrafo 22:

Minha tradução deste parágrafo ficou completamente comprometida por conta da deficiência no japonês e por eu ter perdido as anotações das discussões em grupo. O parágrafo ficou comprometedor. Seria o caso de sentar com alguém mais experiente e refazê-lo completamente. Acho que o entendimento geral da refabulação do Akutagawa fica comprometido com a deterioração deste trecho que ele inseriu.

9) parágrafo 33: 鬼の酋長はもう一度額を土へすりつけた

Neste trecho, achei por bem acrescentar palavras para que a sentença em português fizesse mais sentido, evitando o simples decalque da LF sobre a LM, deixando assim: “O chefe dos onis se curvou até tocar a sobrançelha no solo mais uma vez”, porém, talvez devesse ter usado algo mais econômico ou mais sugestivo como “O chefe dos onis tocou a sobrançelha no solo mais uma vez”. Eu acho que estava com uma posição tradutória muito pró-alvo para ter essa sensibilidade.

Creio que estes comentários já dão ideia suficiente do que foi o meu processo de tradução do *Momotarou*. Espero produzir um relato melhor ao longo da tradução do *Semento*, através de anotações melhores e mais ao longo do processo.



*Tradução e comentários por*  
Lídia Harumi Ivasa

## Momotarô (1924)

Akutagawa Ryûnosuke

1.

Há um longínquo tempo, havia um pessegueiro nas profundezas de uma montanha. Talvez dizer que era enorme não fosse suficiente, pois seus galhos estendiam-se acima das nuvens e suas raízes alcançavam até mesmo o *yomi*<sup>1</sup>, nas entranhas da terra. Nos tempos da criação do céu e da terra, para afugentar as oito divindades do 'Trovão<sup>2</sup> que o perseguiam em *yomotsu hirasaka*<sup>3</sup>, Izanagi no Mikoto atirou pêssegos — e foi de um desses frutos atirados nos tempos mitológicos que brotou o ramo desse pessegueiro.

Essa árvore, desde a aurora do mundo, floresce uma vez a cada dez mil anos, e frutifica a cada dez mil anos. As flores das pétalas carmesim são presas por um cálice dourado. O fruto — desnecessário

---

1 Mundo dos mortos na mitologia japonesa.

2 Oito divindades enviadas por Izanami no Mikoto, pois o marido, Izanagi, desobedeceu o pedido dela ao espiar sua verdadeira forma: por ter consumido o alimento do mundo dos mortos, Izanami tinha o corpo putrefato e corriam vermes por ele.

3 Caminho que liga o mundo dos vivos e o mundo dos mortos.



citar—, também era enorme. Contudo, o mais estranho era que o interior de cada fruto abrigava um lindo bebê.

Há um longínquo tempo, a árvore, com galhos que cobriam este vale e que deles pendiam frutos apinhados, era tranquilamente banhada pela luz solar. O fruto que gerava uma vez a cada dez mil anos não caía na terra por mil anos. Porém, em uma solitária manhã, o destino transformou-se em um *yatagarasu*<sup>4</sup>, que pousou inesperadamente nesse galho. E ao fazê-lo, bicou e derrubou um pequeno pêsego, já avermelhado. O fruto caiu rio abaixo, passando por entre a densa neblina. O rio, que corria pelo vale entre as montanhas, seguia em direção ao mundo dos homens, atravessando a branca neblina que a água formava.

Quem foi que pegou o fruto que continha o bebê após ele se afastar das longínquas montanhas? Creio que, a essa altura dos fatos, não será necessário dizer. No final do rio, uma velha senhora, como todas as crianças japonesas já devem saber, estava lavando a roupa ou qualquer outra coisa do velho que saiu para cortar lenha.

## 2.

Momotarô, que nasceu do pêsego, resolveu subjugar Onigashima, a ilha dos ogros.

O motivo para essa decisão foi porque não queria trabalhar nas montanhas, nos rios ou na lavoura, como os velhinhos. O casal idoso — que no fundo já estava farto do menino levado e queria se livrar dele o mais rápido possível — quando ouviu a ideia, preparou, conforme ele requisitava, artigos necessários para a partida, como uma bandeira, uma espada e um colete de guerra, entre outros. E não apenas isso, Momotarô também pediu para preparar como provisão de viagem o kibidango, o bolinho de cereal.

---

4 Corvo mitológico de três patas.



Momotarô partiu a caminho da conquista de Onigashima. E então, um grande cachorro vira-lata, com olhos famintos brilhantes, disse para Momotarô:

— Senhor Momotarô, o que carrega preso à cintura?

— Esse é o melhor kibidango do Japão.

Assim respondeu, orgulhoso. Na realidade, até mesmo Momotarô duvidava que fosse o melhor bolinho do Japão. Contudo, ao ouvir “kibidango”, o cachorro rapidamente se aproximou dele.

— Dê-me um bolinho e acompanharei o senhor.

Momotarô prontamente apanhou o ábaco.

— Em vez de um, te darei a metade.

Apesar de o cachorro repetir insistentemente durante um tempo “dê-me um”, Momotarô teimava em responder “darei a metade”. Nessas condições, como em toda transação comercial, só resta a quem não tem se submeter à vontade de quem tem. Por fim, o cão suspirou resignado e aceitou a metade do kibidango para acompanhar Momotarô.

Depois disso, além do cachorro, Momotarô fez do macaco e do faisão seus vassalos, usando metade dos bolinhos como isca. Contudo, os três não se davam bem. O cão, com seus dentes fortes, fazia o covarde macaco de tolo. O macaco, ágil com o cálculo dos bolinhos, fazia o sério faisão de tolo. O faisão, que entendia, entre outras coisas, sobre sismologia, fazia o estúpido cachorro de tolo. Mesmo depois de Momotarô fazê-los seus vassalos, não foi fácil lidar com eles, por continuarem com essas disputas.

Além disso, quando estava de barriga cheia, o macaco inesperadamente começava a reclamar. Dizia que, por metade do bolinho, a conquista da ilha era questionável. E assim, enquanto rosnava, o cachorro tentou matar o macaco com uma mordida. Se o faisão não tivesse impedido, o macaco não precisaria esperar pela vingança do caranguejo<sup>5</sup>, pois estaria morto. Entretanto, enquanto acalmava

---

5 Citação sobre a história de vingança dos descendentes do caranguejo que foi morto

o cachorro, o faisão ensinou ao macaco as virtudes da obediência, e disse para seguir as ordens de Momotarô. O macaco que, para se esquivar do ataque do cachorro havia subido na árvore da beira da estrada, não deu ouvidos às palavras do faisão. O que de fato o convenceu foi a esperteza de Momotarô que, ao observá-lo sobre a árvore, pôs-se a abanar o leque com o símbolo de hinomaru<sup>6</sup> e com frieza calculada disse:

— Está bem, não precisa me acompanhar, mas, em compensação, quando eu conquistar Onigashima, não vou repartir o tesouro com você.

O ambicioso macaco arregalou os olhos.

— Tesouro? É mesmo? Há um tesouro na ilha?

— Não é apenas um tesouro. Parece que existe também uma marreta mágica<sup>7</sup>, que realiza todos os desejos.

— Então com essa marreta mágica posso pedir outras marretas mágicas e fazer vários desejos de uma vez só. Essa é uma boa notícia. Por favor, deixe-me acompanhá-los.

Mais uma vez, com os três animais, Momotarô apressou-se em direção à conquista da ilha.

### 3.

Onigashima era distante da costa. Não possuía apenas montanhas rochosas, como todos pensam. Na verdade, era uma bela terra natural, onde erguiam-se coqueiros, e aves do paraíso cantavam. Nesse tipo de local, terra natal dos ogros, era evidente que amavam a paz. Não, parece que desde o princípio eles eram espécies dadas ao prazer, mais do que nós, os humanos. Os ogros que aparecem na história do velhinho do calombo<sup>8</sup> passam uma noite inteira dançando. Também aparece na

---

pelo macaco.

6 Símbolo da bandeira nacional do Japão, consiste em um círculo vermelho.

7 Artefato que aparece na história de Issunbôshi, o martelo faz com que o protagonista cresça.

8 História sobre ogros que tiram um calombo do rosto de um velhinho durante uma festa.

história de Issunbôshi<sup>9</sup>, e mesmo correndo perigo, quando visitou o templo, o ogro ficou encantado pela princesa. De fato, acreditavam que o Shutendôji do monte Ôe<sup>10</sup> e o Ibaragidôji do Rashômon<sup>11</sup> eram vilões sem precedentes. Porém, será que não poderíamos cogitar a hipótese de que tanto Shutendôji quanto os demais ogros apareciam no portal Rashômon justamente por gostarem da avenida Suzaku<sup>12</sup> tanto quanto nós também gostamos da nossa Ginza? É certo que Shutendôji também bebia saquê na caverna do monte Ôe. A história de que ele raptava mulheres — deixando de lado a veracidade dos fatos, já que não passa do próprio testemunho delas —, tenho lá minhas dúvidas e, nesses últimos vinte anos, reluto em aceitar isso tudo como verdade. Será que aquele Raikô<sup>13</sup> e os Shiten'nô<sup>14</sup> não seriam apenas ogros admiradores de mulheres um tanto desvairadas?

Os ogros, em meio a uma paisagem tropical, tocavam koto<sup>15</sup>, dançavam, recitavam versos de poetas antigos e viviam em extrema paz e tranquilidade. Suas esposas e filhas trabalhavam no tear, fabricavam saquê, arranjavam buquês de orquídeas, tinham uma vida semelhante da de nossas esposas e filhas humanas. Principalmente a mãe dos ogros, já de cabelos brancos e sem presas, quando cuidava dos netos, falava sobre a nossa crueldade.

— Se vocês fizerem bagunça, vou mandá-los para a ilha dos humanos. Porque os ogros que forem enviados para lá, assim como ocorreu com o Shutendôji, certamente serão assassinados. Hã, o que é um humano? Humanos são seres repugnantes e assustadores,

---

9 História de um casal de idosos cujo filho media três centímetros.

10 Ogro lendário que vive no cume do monte Ôe, em Quioto.

11 Conto escrito por Akutagawa, se passa no portal Rajômon, na antiga capital, Heiankyô. Ibaragidôji era um dos principais subordinados de Shutendôji.

12 Avenida principal que ligava o portal Rajômon ao palácio imperial.

13 Refere-se a Minamoto no Yorimitsu, guerreiro encarregado pelo imperador de eliminar os ogros do monte Ôe.

14 No budismo, são as quatro deidades guardiãs. Nesse caso, refere-se aos quatro subordinados de Minamoto no Yorimitsu: Sakata no Kintoki (conhecido por Kintarô), Watanabe no Tsuna, Usui Sadamitsu e Urabe no Suetake.

15 Instrumento de cordas tradicional.



sem chifre e branquelos. Além disso, suas mulheres passam pó de chumbo no corpo branco. Estaria de bom tamanho se fossem apenas esses fatos, mas tanto os homens como as mulheres são mentirosos, gananciosos, invejosos e arrogantes, matam uns aos outros, incendiam e roubam, são uns monstros sem salvação.

4.

Desde a fundação do Japão, esses inocentes ogros jamais sentiram tanto medo quanto o que Momotarô lhes proporcionou. Esquecendo a clave de metal, um ogro gritava “Tem um humano aqui”, enquanto tentava fugir, correndo para lá e para cá, por entre os coqueiros altos.

— Avancem! Avancem! Assim que encontrarem os ogros, matem todos!

Segurando com uma mão a bandeira com o desenho de um pêssego, Momotarô gesticulava com o leque de hinomaru, dando ordens ao cachorro, ao macaco e ao faisão. Talvez os três não se dessem bem. Mas não há soldados qualificados mais fiéis e bravos do que animais famintos. Como uma tempestade, eles perseguiram os ogros que fugiam. O cachorro, com apenas uma mordida, matou um jovem ogro. O faisão, com seu bico afiado, espetou até a morte uma criança ogro. O macaco também — como seria de se esperar, por ter um grau de parentesco com os humanos—, antes de matar por asfixia as garotas ogro, violentou-as conforme sua vontade.

Após todos os tipos de crimes cometidos, finalmente o líder dos ogros, junto com os poucos sobreviventes, se renderam diante de Momotarô. Pode-se imaginar a satisfação dele. Onigashima já não era mais como ontem, o paraíso onde os pássaros cantavam. Em meio ao bosque de coqueiros, corpos de ogros espalhavam-se por toda parte. Momotarô, ainda segurando a bandeira com uma das mãos, tinha sob seu controle os três vassalos e sentenciou solenemente ao líder dos ogros, que prostrava-se no chão:

— Por uma compaixão excepcional, pouparei suas vidas. Em troca, devem oferecer todos os tesouros da ilha.

— Sim, nós entregaremos.

— Além disso, devem dar suas crianças como reféns.

— De acordo.

Depois de o líder prostrar-se novamente a ponto de tocar a testa no chão, perguntou, com receio, a Momotarô:

— Sabemos que fomos punidos pelo senhor por ter cometido alguma ofensa. Porém, a começar por mim, os ogros desta ilha não chegaram a um consenso sobre qual o tipo de falta cometida contra o senhor. Poderia nos revelar o motivo?

Momotarô meneou a cabeça e respondeu tranquilamente:

— Conquistei Onigashima porque o grande Momotarô fez dos três animais seus seguidores fiéis.

— E porque o senhor escolheu justamente estes três para serem seus seguidores?

— Porque desde o começo desejava conquistar a ilha e os fiz vassallos nem que fosse preciso dar-lhes o kibidango. Que tal? Se você disser que ainda não entendeu, vou matar todos vocês também.

Assustado, o líder dos ogros saltou cerca de um metro para trás para se curvar novamente de modo respeitoso.

5.

Com os três animais, Momotarô, o número um do Japão, fazia seu retorno triunfal com orgulho, enquanto obrigava os filhos dos ogros que tomou como reféns a puxarem a carroça de tesouros. Essa história todas as crianças japonesas já estão cansadas de saber. Entretanto, nem por isso Momotarô levou uma vida feliz. Ao se tornarem adultas, as crianças ogro, além de matarem a mordidas o vigia faisão, logo fugiram para Onigashima. E não apenas isso, os ogros que sobreviveram na ilha às vezes atravessavam o mar e incendiavam a mansão de Momotarô ou tentavam matá-lo enquanto



dormia. Seja como for, dizem os boatos que o macaco foi morto por engano. Diante dessas sucessivas adversidades, Momotarô não conseguiu deixar de escapar um lamento.

— A obstinação desses ogros é um incômodo. São criaturas insolentes, esqueceram-se da dívida de honra com o mestre por poupar suas vidas.

Ao ver a cara feia de Momotarô, o cachorro também uivava compadecido.

Enquanto isso, na praia da desolada Onigashima, cinco ou seis jovens ogros, banhados pelo luar da linda região tropical, armavam explosivos nos cocos como parte do plano de independência da ilha. Esquecendo-se até mesmo de enamorar-se pelas graciosas moças ogro, trabalhavam calados, mas felizes, enquanto seus olhos, do tamanho de uma tigela, brilhavam.

6.

Nas profundezas das montanhas desconhecidas pelos humanos, o pessegueiro que atravessou nuvens e neblina continua como antigamente, apinhado de frutos. Evidentemente, apenas o fruto carregando Momotarô foi levado há muito tempo pelo rio do vale. Entretanto, o gênio do futuro adormece e ainda não se sabe quantas pessoas existem no interior desses frutos. Quando será que aquele grande *yatagarasu* surgirá no galho desta árvore novamente? Ah, o gênio do futuro adormece e ainda não se sabe quantas pessoas existem no interior desses frutos.

## Traduzindo *Momotarô*, de Akutagawa Ryûnosuke: o processo de estrangeirização

Este relato tem como objetivo descrever alguns aspectos considerados na tradução do conto *Momotarô*, do escritor japonês Ryûnosuke Akutagawa (1892-1927), narrativa escolhida pelo grupo de tradução da USP durante o ano de 2013. Após a leitura e discussão de aspectos históricos e culturais do texto, tradução e consequente cotejo, finalizamos esse processo com a explicação das opções de cada um dos participantes.

Acredito que, antes de comentar a tradução em si, seja importante estabelecer a postura do tradutor em relação a esse trabalho, pensando no objetivo dessa tradução. Segundo PIRES (2008, p.3):

A tradução introduz uma informação nova em outra cultura; explica uma cultura para outra; populariza um conhecimento que antes era elitizado, conhecido apenas por aqueles que dominam os dois códigos; modifica o saber e fertiliza o conhecimento, graças à associação de ideias das duas culturas, porque, com o contato com o diferente, a criatividade acaba gerando uma outra via, que não pertence nem à cultura de origem, nem à de chegada.



São essas ideias que tornam o processo de tradução tão rico e interessante, e o papel do tradutor é muito importante como mediador dessas culturas que ele intermedia. Lawrence Venuti, que defende a visibilidade do tradutor, cita dois processos: a domesticação, na qual o texto na língua de chegada tem fácil compreensão pelo leitor, desconsiderando na tradução aspectos da cultura de partida em detrimento dessa “fluência”; e a estrangeirização, na qual marcas da cultura de partida permanecem no texto traduzido, levando o leitor a conhecer novas culturas e se abrir às diferenças.

Traduzir o conto mostrou-se um desafio pela intertextualidade com vários textos do folclore japonês, como as histórias da vingança do caranguejo, do velhinho do calombo, de Issunbôshi e vários ogros famosos, como o Shûtendôji e o Ibaragidôji, além da própria releitura da história de Momotarô. Todas essas histórias complementam a narrativa, criando um fundo histórico para os personagens que aparecem na narrativa de Akutagawa.

Além disso, o início e fim do conto são marcados por outra narrativa, a da origem do pêssego de Momotarô. O enorme pessegueiro alcançava o céu e o mundo dos mortos, ou *Yomi*, trazendo o universo mitológico japonês descrito nas obras *Kojiki* e *Nihon Shoki*. Também descreve o corvo *Yatagarasu*, mensageiro dos deuses no Xintoísmo, como responsável pela queda do pêssego no rio. O próprio fruto é citado no *Kojiki*, no episódio em que Izanagi foge do *Yomi* e atira pêssegos nos ogros que o perseguiam, considerado, desde então, um fruto que afastava os maus-espíritos e ogros, além de simbolizar a longevidade.

Seguindo o método de estrangeirização de Venuti, decidi manter alguns vocábulos na língua de partida (no caso, o japonês), para que os leitores tenham consciência de que se trata de um texto traduzido e para que reconheçam esses itens em outros textos. Dei preferência principalmente por palavras que se referem a alimentos e a locais, inserindo notas de rodapé para explicar seu significado. Por se tratar

de uma tradução na qual o propósito é identificar esses elementos culturais, acredito ser interessante as notas de rodapé, já que esse é o espaço no qual os tradutores explicam suas opções e o processo tradutório. Alguns podem pensar que manter o vocábulo na língua de partida demonstre incompetência por parte do tradutor, pois ele não conseguiu “traduzir” o vocábulo para a língua de chegada, ou seja, ele não domesticou a cultura estrangeira para melhor entendimento do leitor. Porém, acredito que não seja o caso, a partir do momento em que o leitor conhece essa palavra “estrangeira”, ele pode reconhecê-lo em outros contextos. Com a proximidade das fronteiras entre as culturas, torna-se importante conhecer aspectos da cultura estrangeira, apesar de nem sempre o referencial ser o mesmo (podemos citar como exemplo o caso de sashimi, reconhecido no Brasil como “peixe cru”, mas no Japão refere-se ao consumo de qualquer tipo de carne crua – por exemplo, *basashi*, o sashimi de carne de cavalo).

A tradução do conto *Momotarô* nos deu a oportunidade de pesquisar mais a fundo as lendas do folclore japonês e reconhecer a aclamada genialidade de Akutagawa Ryûnosuke, que enriqueceu a narrativa com outras obras do repertório mitológico japonês.

## Referências

AKUTAGAWA, R. **Momotarô**. Disponível em < [http://www.aozora.gr.jp/cards/000879/files/100\\_15253.html](http://www.aozora.gr.jp/cards/000879/files/100_15253.html)>. Acesso em: 18 dez. 2013.

MARTINS, M. A. P. As contribuições de André Lefevere e Lawrence Venuti para a Teoria da Tradução. In: **Cadernos de Letras UFRJ**, n.27, 2010. Disponível em < [http://www.letras.ufrj.br/anglo\\_germanicas/cadernos/numeros/122010/textos/cl30122010marcia.pdf](http://www.letras.ufrj.br/anglo_germanicas/cadernos/numeros/122010/textos/cl30122010marcia.pdf)>. Acesso em: 17 dez. 2013.

PIRES, M. K.. Tradução cultural através da literatura: entre o mundo árabe e o ocidente. In: **Anais do XI Congresso**

**Internacional da Associação Brasileira de Literatura Comparada**, 2008: São Paulo, SP - Tessituras, Interações, Convergências / Sandra Nitrini. et al. São Paulo: ABRALIC, 2008.

*Tradução e comentários por*  
Pérola Isis da Silva Bitencourt

## Momotarô<sup>1</sup>

Ryûnosuke Akutagawa

### 1

Há muito, muito tempo atrás, havia nas profundezas da floresta um grande pessegueiro. Considerá-lo apenas como grande talvez seja insuficiente. Os galhos deste pessegueiro se estendiam acima das nuvens, as raízes deste pessegueiro chegavam até o subsolo do Mundo dos Mortos<sup>2</sup>. Dizem que no período da criação do céu e da terra, Izanagi<sup>3</sup> atacou atirando pêssegos para repelir os deuses dos oito trovões<sup>4</sup>, um destes pêssegos da época dos deuses tornou-se os galhos desta árvore.

---

1 Significa Menino Pêssego, é o nome do personagem de uma história antiga que nasceu de um pêssego.

2 No livro *Kojiki*, que conta o mito sobre a criação do Japão, aparece a referência ao País de *Yomi* que é a representação do mundo dos mortos.

3 Izanagi e Izanami são os deuses que aparecem no livro *Kojiki* como criadores do Japão e suas divindades.

4 Oito trovões de *Yomotsu Hirasaka* são divindades que Izanami ordena que persigam Izanagi para impedi-lo de sair do País de *Yomi*. Izanagi vai ao País de *Yomi* buscar sua esposa Izanami depois que ela morre, porém, ao ver a criatura em que ela se transfor-



Esta árvore, desde a aurora do mundo, florescia a cada dez mil anos, e a cada mil anos frutificava. As flores se penduravam como pingentes de ouro numa sombrinha de profundo carmesim. Os pêssegos, não esperem que eu diga que os pêssegos também eram grandes. Porém, além de eles serem maravilhosos, também existe no interior de cada pêssego um bebê adorável que foi concebido naturalmente.

Há muito, muito tempo atrás, esta árvore, com os galhos carregados com inúmeros pêssegos que cobriam os vales e as montanhas, calmamente banhava-se ao sol. O pêssego nasce a cada dez mil anos e amadurece a cada mil anos. Mas numa manhã solitária o destino tornou-se um pássaro Yatagarasu<sup>5</sup>, que veio rapidamente e pousou nestes galhos. E imediatamente bicou o pequeno pêssego avermelhado. O pêssego caiu longe no córrego da montanha onde subiam nuvens e neblinas. O córrego da montanha naturalmente liberava uma névoa branca que o sobrevoava enquanto fluía para o país onde existiam os humanos.

Este bebê concebido do pêssego, depois de sair das profundezas da floresta, que tipo de pessoas encontrou? Não é importante falar disso agora. No final do córrego da montanha uma velhinha sozinha, como todas as crianças do Japão conhecem<sup>6</sup>, foi lavar as roupas de seu velho marido que foi juntar lenha. ....

## 2

Momotarô que nasceu do pêssego decidiu que iria conquistar a ilha dos ogros. A razão pela qual ele decidiu conquistar a ilha era

---

mou, decide voltar sozinho ao mundo dos vivos. Como vingança, Izanami manda várias divindades e criaturas perseguir-lo antes que ele saia do País de *Yomi*.

5 O Yatagarasu é um corvo que aparece na mitologia japonesa, o aparecimento desta grande ave representa a prova da vontade dos deuses ou intervenção divina nos assuntos humanos.

6 Este trecho se refere ao começo da história original que conta as aventuras de Momotarô.



porque não queria sair para trabalhar no campo, no rio ou na montanha como o velhinho e a velhinha. Os velhinhos ouviram essa história e no íntimo já estavam fartos desse menino travesso. Por isso, com o objetivo de se livrarem dele rapidamente, entregaram gradualmente, conforme ele ia pedindo, o que era necessário para a preparação da partida como: a bandeira, uma espada e um colete de batalha. Além disso, como comida para a viagem, Momotarô também pediu para preparar até mesmo o bolinho kibidango<sup>7</sup>.

Momotarô, com espírito triunfante, seguiu caminho para conquistar a ilha dos ogros. Logo depois, um grande cachorro viralata, com seus pequenos olhos famintos brilhando, o chamou:

— Momotarô! Momotarô! O que é isso pendurado na sua cintura?

— Isto é o melhor kibidango do Japão.

Respondeu Momotarô habilmente. Certamente se era ou não o melhor kibidango do Japão também era duvidoso para ele. Porém, o cachorro, ao ouvir sobre o kibidango, rapidamente se aproximou e disse:

— Por favor, me dê um? Posso te acompanhar?

Momotarô imediatamente pegou o ábaco.

— Um não darei. Darei metade.

O cachorro ficou repetindo obstinadamente por um bom tempo: “Por favor, me dê um?”. Porém, Momotarô, depois das repetições do cachorro, não mudou sua fala e continuou dizendo: “Darei metade”. Deste modo toda a transação é feita, depois de tudo, quem não possuía terminou se submetendo à vontade de quem tinha. O cachorro também, enquanto suspirava, finalmente aceitou receber metade do kibidango para acompanhar Momotarô.

Momotarô, em seguida, juntou à comitiva um macaco e um faisão também usando como isca metade do kibidango. Mas, infelizmente, eles não tinham uma relação muito boa. O cachorro possuía presas fortes e fazia de idiota o macaco fraco. O macaco rápido em

---

<sup>7</sup> Bolinho doce feito com farinha de *mochi* (arroz) ou farinha de milho.

contar kibidango fazia de idiota o sério faisão. O faisão compreendia coisas como a sismologia e fazia de idiota o cachorro que era lento de raciocínio. A partir disso, como estas surgiram muitas brigas, como eles não se entendiam, Momotarô, antes de fazê-los seus servos, usou um truque.

Este macaco tinha um ponto de vista e de repente resolveu reclamar de barriga cheia. Começou a dizer que apenas metade do kibidango era pouco para acompanhá-lo na conquista da ilha dos ogros. Logo depois, o cachorro uivou enquanto de repente tentou morder o macaco até a morte. Se o faisão não tivesse interrompido, o macaco não esperaria a vingança do caranguejo<sup>8</sup> e já estaria morto neste momento. Porém, o faisão tentava acalmar o cachorro, enquanto ensinava a moral entre servo e mestre para o macaco, e disse para ele se subjugar às ordens de Momotarô. Mesmo assim, o macaco, que continuava em cima da árvore na beira da estrada por ter acabado de se defender do ataque do cachorro, não deu ouvidos às palavras do faisão. Este macaco finalmente foi convencido pelas habilidades de Momotarô. Momotarô levantou os olhos para o macaco e usou de propósito o leque com a bandeira do Japão para se refrescar, e disse:

— Então não me acompanhe. Não dividirei com você os tesouros como compensação da conquista da ilha dos ogros.

O macaco tinha uma profunda avareza e disse:

— Tesouros? Eu vou sim, tem tesouros na ilha dos ogros?

— Há mais do que isso. Dizem que existe até um tesouro chamado de martelo mágico, que é capaz de fazer aparecer qualquer coisa que queiramos.

---

8 A vingança do caranguejo remete a um conto infantil bastante conhecido no Japão chamado “*Saru kani gassen*”, no qual o macaco troca bolinho de arroz por sementes de caqui com o caranguejo. O bolinho de arroz logo acaba e o macaco fica sem nada. O caranguejo, por sua vez, planta a semente de caqui, que dará frutos mais tarde. Mas, como o caranguejo não consegue subir na árvore, mais uma vez é passado para trás pelo macaco, que come os caquis maduros e arremessa os verdes no caranguejo, que morre atingido por um deles. O caranguejo estava prenhe e, quando o caranguejinho sai de sua barriga e fica chorando, vem uma abelhinha que o ouve e, juntando as forças da castanha, agulha, fezes de boi e um pilão, se vinga do macaco.

— Uma vez que uma mão o possuir, vários desejos são concedidos a partir do martelo mágico. Esta é a história que escutei. Por favor, me deixe ir junto!

Momotarô, mais uma vez acompanhado pelos animais, apressou a jornada para conquistar a ilha dos ogros.

3

A ilha dos ogros era uma ilha solitária distante no oceano. Mas, não é apenas uma montanha rochosa do modo como o mundo pensa. Na verdade, era um belo paraíso natural onde cresciam palmeiras e onde cantavam as aves do paraíso. Como no paraíso, os ogros viviam a vida e certamente amavam viver em harmonia. Bem, os chamados ogros parecem uma espécie pronta para buscar o prazer mais do que essencialmente nós, os seres humanos.

O ogro que aparece na história do Velhinho do Calombo<sup>9</sup> dançava durante toda noite. O ogro que saiu da história original de Issunbôshi<sup>10</sup> parece que também não considerava o perigo causado pelos seus próprios interesses quando, fascinado pela princesa que visitava um templo, a raptou. Na verdade, acredita-se que Shutendôji<sup>11</sup> de Ôeyama e Ibaragidôji<sup>12</sup> do Rashômon<sup>13</sup> do mesmo modo são os raros ogros maus. Será que Ibaragidôji e os demais não apareceriam de vez em quando no Rashômon por amar demais da Aveniza Suzaku<sup>14</sup>

---

9 O nome original do conto infantil é “*Kobutori jûsan*”. Conta a história do velhinho que tinha um calombo no rosto e encontra um ogro no meio da mata. Como ele dança bem, o ogro retira-lhe o calombo. Um velhinho invejoso vai lá para fazer o mesmo, mas como não dança bem, acaba recebendo mais calombos.

10 Conto de fadas japonês que conta a história de um menino baixinho que desejava tornar-se um samurai e durante a sua jornada acaba salvando a filha de um nobre das garras de um ogro.

11 Era um mítico ogro que viveu em Ôeyama e teve muitos subordinados ogros.

12 É um ogro que aparece nos contos da era Heian, aqui aparecendo no Rashômon, um portão de Quioto.

13 Um portão que fica na cidade de Quioto.

14 Rua de Quioto.



da mesma forma como amamos a nossa Ginza<sup>15</sup>? Shutendôji também se escondeu nas cavernas de Ôeyama certamente apenas para beber saquê. Ele saía para roubar as moças, neste momento sem questionar se é verdade e não apenas uma versão contada pelas próprias moças. Quanto a considerar que os relatos das moças são verdadeiros, venho me questionando sobre isto nos últimos vinte anos. Será que Shitennô<sup>16</sup> e Raikô<sup>17</sup> não eram admiradores de mulheres um pouco enlouquecidos?

Os ogros viviam muito tranquilamente em meio a um cenário tropical, tocando koto<sup>18</sup>, dançando e recitando versos de poetas antigos. Além disso, suas esposas e filhas teciam roupas, fabricavam saquê e faziam buquês de orquídeas. A vida delas não era muito diferente da vivida pelas nossas esposas e filhas. Principalmente as mães dos ogros, que perderam suas presas e já tinham cabelos brancos, sempre que cuidavam dos netos, contavam histórias terríveis sobre os humanos. Elas contavam:

— Se vocês fizerem travessuras serão enviados para a ilha dos humanos. Os ogros enviados para a ilha dos humanos foram mortos, como foi Shutendôji naqueles tempos antigos. O quê? As criaturas chamadas de humanos? Neles não cresciam chifres e seus rostos, mãos e pernas eram pálidos, sem dizer que são desagradáveis. Para piorar a situação, as mulheres humanas, quando chegava a manhã, esfregavam pó de chumbo na superfície do pálido rosto, das mãos e das pernas. Se fosse somente isso, seria bom. Tanto os homens quanto a mulheres são igualmente mentirosos, profundamente gananciosos,

---

15 Bairro de Tóquio.

16 Referência aos quatro *kishin*, os deuses ogros. Expressa a visão budista com relação ao mundo na qual os quatro *kishin* moram na montanha *Shumisen* e são os guardiões das direções. Os quatro guardiões em japonês são: *Jikokuten* (Leste), *Zôchôten* (Sul) *Kômokuten* (Oeste) e *Tabunten* (Norte).

17 Raikô é a abreviação do nome de Minamoto no Yorimitsu (948-1021), um grande guerreiro do período Heian. Ficou conhecido pelas lendas do Extermínio do ogro Shutendôji na Montanha de Ôe e dos povos conhecidos como *Tsujigumo* (aranhas da terra) que não se subjugaram ao governo de Yamato.

18 Uma espécie de cítara comprida japonesa que geralmente tem 13 ou 6 cordas de seda, estendidas sobre uma caixa sonora de tampa abaulada. É um instrumento tocado com ambas as mãos.

invejosos, arrogantes, ateiavam fogo nas coisas, roubam e fazem outras inumeráveis coisas abomináveis. Eles são animais incorrigíveis!

4

Momotarô aterrorizou os ogros inocentes, algo assim não havia acontecido desde a fundação do reino. Os ogros esqueceram seus porretes de metal e gritaram “Os humanos vieram!” enquanto tentavam fugir, se movendo em confusão entre os coqueiros altos. Enquanto isso, Momotarô ordenava:

— Vamos! Vamos! Encontrem os ogros imediatamente e matem todos sem exceção!

Momotarô, segurando a bandeira com a estampa de pêssego numa mão e com a outra se abanando usando o leque com o símbolo da bandeira do Japão, deu a ordem ao faisão, ao macaco e ao cachorro.

Talvez os três animais não fossem servos que se dessem bem, mas supõe-se que animais famintos fornecem soldados de capacidades inigualáveis de lealdade. Eles criaram o caos ao perseguirem os ogros que tentavam fugir. O cachorro matava os jovens ogros com uma mordida. O faisão bicava até a morte as crianças ogros. O macaco também, principalmente por ter uma relação de parentesco com nós, seres humanos, fazia questão de estuprar antes de estrangular as jovens ogradas até a morte.

Depois de todas as atrocidades cometidas, finalmente, o líder dos ogros se rendeu diante de Momotarô, juntamente com os ogros que ainda continuavam vivos. Imagine o orgulho de Momotarô. A ilha dos demônios já não era como no dia anterior, um éden onde as aves do paraíso cantam. Em meio aos coqueiros, em todos os lugares estavam espalhados os corpos dos ogros. Momotarô, como sempre com a bandeira em uma das mãos e acompanhado de seus três servos animais, anunciou austeramente ao líder dos ogros que estava prostrado:

— Então, por causa da minha compaixão excepcional pouparei suas vidas. Mas devem me apresentar todos os tesouros da ilha dos ogros.

— Sim, apresentaremos.

— Além disso, entreguem seus filhos como prisioneiros.

— Também consentimos em fazer isso.

O chefe dos ogros, depois de esfregar mais uma vez a testa no chão, timidamente perguntou a Momotarô:

— Nós acreditamos que devemos receber a sua conquista para corrigir a grosseria feita a você, senhor. Porém, honestamente, começando por mim, os ogros desta ilha não sabem de que forma ofendemos o senhor. Por isso, o senhor poderia revelar as circunstâncias da ofensa, por favor?

Momotarô assentiu com um ar de serenidade e disse:

— Eu, Momotarô, o melhor do Japão, recrutei a lealdade do faisão, do macaco e do cachorro, e vim conquistar a ilha dos ogros.

— Então de que forma você recrutou os três?

— Desde o início quis conquistar a ilha dos ogros, e planejei reuni-los usando o bolinho kibidango. E daí? Mesmo se disser que ainda não entendeu, matarei todos vocês.

O líder dos ogros, espantado, afastou-se quase um metro para trás, e por fim curvou-se polidamente.

## 5

Momotarô, o melhor do Japão, junto com os três animais, o cachorro, o macaco e o faisão, fizeram o retorno triunfal para a cidade natal, enquanto tomaram as crianças ogro reféns e as faziam puxar o carro do tesouro. Esta é a história que as crianças do Japão conhecem tão bem. Mas não significa necessariamente que Momotarô levou uma vida plenamente feliz. As crianças ogro, quando se tornaram adultas,

mataram a mordidas o faisão que os vigiava, e imediatamente fugiram para a ilha sem deixar rastro.

Além disso, os ogros que sobreviveram na ilha às vezes atravessavam o mar, incendiavam o palacete de Momotarô e tentavam matá-lo enquanto dormia. Seja como for, há rumores de que mataram o macaco por engano. Momotarô, por conta dessa série de infortúnios, não conseguia deixar de lamentar a sua infelicidade, dizendo:

— É difícil lidar com o rancor desses ogros. Eles indesculpavelmente esqueceram a clara dívida de honra para com seu mestre, afinal, poupei a vida deles.

O cachorro viu a face mal-humorada de Momotarô e também gania compadecido. Enquanto isso, na praia desolada da ilha dos ogros, planejando a independência da ilha, os ogros armavam explosivos nos cocos. Deixaram de lado até o amor com as graciosas jovens ogradas, mas faziam suas tarefas em silêncio, parecendo felizes com seus olhos semicerrados flamejantes de concentração.

## 6

Nas profundezas da floresta desconhecida dos humanos, o pessegueiro atravessa as nuvens e brumas, hoje do mesmo modo que antigamente, e existem pêssegos inumeráveis. Já faz muito tempo que apenas o pêssego que concebeu Momotarô desceu pelo rio que corre entre as montanhas. Porém, quanto aos gênios do futuro, não sabemos quantos ainda estão dormindo dentro daqueles pêssegos. Quando será que aquele grande Yatagarasu aparecerá na copa desta árvore mais uma vez? Ah, quanto aos gênios do futuro, não sabemos quantos ainda estão dormindo dentro daqueles pêssegos.

Junho, décimo terceiro ano da Era Taishô.

## Comentário sobre a Tradução do Conto *Momotarô*

### Introdução

A presente explanação tem como objetivo tratar sucintamente das principais dúvidas, problemas e soluções que surgiram ao longo da tradução do japonês para o português do conto 桃太郎 (*Momotarô*) de Ryûnosuke Akutagawa. Este breve comentário é uma primeira tentativa de explicar algumas partes do meu processo tradutológico, e pretende expor como construí uma versão do texto literário de Akutagawa objetivando passar da melhor maneira a visão cultural japonesa e representar as imagens que o autor compõe.

### Comentários com relação ao processo de tradução

Durante o processo de tradução do conto 桃太郎 (*Momotarô*), que é dividido em seis partes, tentei seguir o texto original o máximo possível, tomando cuidado para não deturpar o sentido proposto pelo autor e acabar fazendo uma recriação que desviasse completamente da significação apresentada. Uma das formas que usei para



buscar a aproximação com o conto em japonês foi evitar traduzir nomes e termos. Para isso, coloquei notas de rodapé que suprissem informações consideradas comuns a um leitor nativo e dispensariam maiores explicações. Revendo a minha tradução, percebi que necessita de mais algumas notas explicativas que julgo necessárias para a melhor compreensão do texto por um leitor que desconheça a cultura japonesa.

Na primeira parte do conto, essa estratégia aparece primeiramente no título, pois preferi não traduzir o nome do personagem principal que nomeia o conto: o Momotarô. Como é nome próprio de uma personagem de um conto clássico optei por não traduzir e sim explicar o seu significado numa nota de rodapé. Caso eu pensasse de outra maneira, poderia ter traduzido por Menino Pêssego, pois o nome representa o fato do personagem ter nascido de um pêssego.

Uma das grandes dificuldades de traduzir o conto foi tentar expressar a visão de mundo dos japoneses expressa pela cultura que difere muito da brasileira. Um exemplo de oração onde essa dificuldade foi muito bem marcada é: 花は真紅の衣蓋に黄金の流蘇を垂らしたようである。 Traduzi a frase como: *As flores se penduravam como pingentes de ouro numa sombrinha de profundo carmesim*. Essa frase cria uma imagem usando como base referências culturais comuns a qualquer japonês, porém, por não serem familiares ao imaginário cultural brasileiro, foi muito difícil tentar recriá-la de uma forma que mostrasse satisfatoriamente a beleza das flores que o autor ressalta de forma poética. Como resultado, foi necessário optar por uma adaptação e não uma tradução literal, procurando transmitir ao leitor uma significação similar ao do texto original. Durante a tradução, este processo de adaptação foi necessário em outras orações nas quais acredito não ter representado satisfatoriamente as imagens criadas pelo autor ao longo do conto. Durante a tradução, inseri estruturas não usuais na língua japonesa para tornar o texto mais natural ao leitor brasileiro. Objetivando tornar o texto mais fluido e



evitar confusões por parte do leitor, coloquei a indicação de início do diálogo e de quem o profere. Exemplos disso podem ser encontrados a partir da segunda parte do conto, como é mostrado pela tradução da oração: けれども犬は黍団子と聞くと、たちまち彼の側へ歩み寄った。 . Na tradução, indico diretamente o início da fala, que será mostrado em destaque pelo negrito, diferente do que ocorre no texto em japonês, ficando: *Porém, o cachorro, ao ouvir sobre o kibidango, rapidamente se aproximou e **disse***. Esse tipo de estrutura não é comum na língua japonesa, na qual os mecanismos linguísticos deixam claro para o leitor nativo o início do diálogo e em certos casos quem o está proferindo. Na língua portuguesa, preferencialmente procura-se indicar o início de um diálogo e quem o está articulando, para evitar confusões sobre de que personagem é o turno de fala e dar ao texto fluidez.

No momento da tradução, ao me deparar com situações como esta, primeiro fiz uma tradução mais próxima ao original, uma versão mais literal, e uma adaptação para que o texto se aproximasse de estruturas comuns ao público alvo. Decidi fazer isso com o intuito de aproximar o leitor ao conteúdo através da forma textual que lhe é mais familiar, introduzindo-o a algo que não é de seu domínio cultural e pode gerar um estranhamento entre leitor e obra.

Outra preocupação foi o fato de ser um texto literário e o medo de não conseguir expressar as imagens e conceitos trazidos pelo autor. Acredito que neste ponto minha tradução deixou muito a desejar pois, apesar dos meus esforços de deixar o texto o mais próximo do sentido original, muitas nuances criadas pelas possibilidades da língua japonesa se perdem no momento da tradução. Isto ocorre pela diferença das possibilidades de cada língua e pela falta de conhecimento do tradutor, no caso eu, de perceber certos significados que possibilitam as múltiplas interpretações de um texto literário.

Muitas vezes tive que recorrer a adaptações e não a tradução literal, pois as estruturas linguísticas do português e do japonês são

muito diferentes, assim como também são distintas as formas do texto de ser estruturado. Um exemplo disso são as repetições consideradas comuns ao longo de um texto japonês. Ao passar o texto para o português achei necessário suprimir algumas, pois a língua portuguesa repudia o excesso de repetições, associando-as muitas vezes a um texto mal formulado. Existem exceções em alguns textos literários em que elas não são consideradas um erro de formulação, pois têm o objetivo de criar um efeito estético que produza ou ressalte um significado.

Por conta da dificuldade de transmitir na tradução outra realidade cultural da forma mais aproximada possível, a escolha lexical foi difícil e em alguns casos ainda não sei se fiz a melhor seleção. Um exemplo muito marcante dessa minha dúvida está representado no momento de traduzir a palavra 鬼 (*oni*). Primeiramente optei por colocar como “demônio”, mas a representação que o ocidente faz destas figuras não corresponde ao que o japonês tem por 鬼 (*oni*). Em seguida, com base nas discussões das reuniões do Grupo de Estudos de Tradução da USP, acabei traduzindo como “ogro”, vocábulo que não representa totalmente a visão do 鬼 (*oni*), porém é muito mais próximo do que o imaginário trazido pela expressão demônio. Eu quase optei por não traduzir o termo e acrescentar uma descrição de 鬼 (*oni*), mas escolhi traduzir para ogro por ser uma figura próxima ao 鬼 (*oni*) e também para evitar o excesso de explicações em notas de rodapé, que podem tornar o texto cansativo. Assim como neste caso, ao longo da tradução foquei em procurar equivalências entre expressões da língua japonesa e da portuguesa e, quando isto não foi possível ou achei que se afastaria muito do texto original, inseri as notas de rodapé. Como exemplo disso, apresento o caso da palavra 黍団子 (*kibidango*), que decidi não traduzir e coloquei uma nota explicando que é um bolinho doce feito com farinha de mochi (arroz) ou farinha de milho. Acredito que traduzir esta palavra explicando seu significado no corpo do texto poderia diferir muito do sentido



original e ficar antiestético na narrativa, pois quebraria o ritmo da leitura ao usar uma descrição para representar o vocábulo.

Houve momentos em que não foi possível recuperar o sentido que a língua japonesa proporciona ao texto. Um exemplo é o uso de *Taigû Hyôgen* (待遇表現), as expressões de tratamento. No conto, essas expressões que indicam polidez e respeito, aparecem na relação de superioridade que Momotarô tem com relação ao cachorro. Durante o diálogo que travam quando o cachorro o encontra, as marcas linguísticas expressam a posição inferior em que o cachorro se coloca em relação a Momotarô no momento de lhe pedir alimento. Essa relação é claramente marcada pela língua em orações como: 「一つ下さい。お伴しましょう。」. Eu traduzi como: *Por favor me dê um? Posso te acompanhar?* Assim, consegui manter o sentido da frase, mas perdi a demonstração de respeito que o cachorro mostra por Momotarô, pois é colocada através de uma estrutura linguística “お伴しましょう” que não possui equivalência em português.

O conto de Ryûmosuke Akutagawa, além de apresentar as dificuldades de traduzir as imagens e os conceitos colocados pelo autor, traz consigo um grande obstáculo no momento da tradução, pois ele é uma outra versão da história de Momotarô conhecida em todo o Japão. Por ser uma reinterpretação, a narrativa na qual ele se baseia não precisa ser retomada ao longo do texto, por que faz parte do imaginário popular. Para tentar suprir parte do abismo entre os dois contos, coloquei uma nota de rodapé que procura explicar a existência da história original, mas ela não soluciona a falta que o conhecimento prévio faz à interpretação.

A versão proposta por Akutagawa traz outros questionamentos com relação a pontos de vista e a natureza humana, que são contrários aos trazidos na versão em que se baseia, na qual Momotarô faz um ato heroico ao ir à ilha dos ogros. Na visão colocada por Akutagawa, Momotarô é um menino egoísta que vai à ilha dos ogros por ganância e, junto com os animais que o servem, mata brutalmente os ogros que



eram seres pacíficos. Este embate de visões se perde na tradução se o leitor não conhecer a história que deu origem ao conto.

No processo de tradução, grande parte do objetivo do autor se perde, pois, o público ao qual o conto é destinado não possui, em sua maioria, o conhecimento prévio da história do Momotarô. Desta forma, não é possível aos leitores compararem a história clássica com a nova versão apresentada por Akutagawa, que contém uma grande bagagem cultural. Essa bagagem é mostrada ao longo do texto ao relacionar a aventura de Momotarô com outras histórias que se não são de conhecimento geral, pelo menos são mais acessíveis aos leitores japoneses. Nesses casos, também tentei suprir a falta de conhecimento com notas explicativas que infelizmente não substituem satisfatoriamente o conhecimento que se supõe que o leitor possua.

## Conclusão

Reverendo os processos pelos quais passei, percebo que a tradução que construí não está finalizada, ainda necessita mais revisões para melhorá-la e torná-la mais próxima do sentido original. Acredito que preciso também acrescentar mais explicações ou soluções que tentem suprir o abismo existente entre a cultura japonesa e a brasileira, para melhor traduzir as visões culturais que num primeiro momento parecem intraduzíveis. Por isso acredito que ainda tem muito a ser melhorado na minha tradução.

## Bibliografia

OUSTINOFF, Michaël. **Tradução: história, teorias e métodos**. Tradução Marcos Marcionilo. São Paulo: Parábola Editorial, 2011.

LARANJEIRA, Mário. **Poética da Tradução: do sentido à significância**. São Paulo: Edusp, 2003. Criação e Crítica v. 12.

*Tradução e comentários por*  
Thiago Cosme de Abreu

# MOMOTARŌ

Ryūnosuke Akutagawa

## I

Há muito e muito tempo atrás, havia um enorme pessegueiro nas profundezas da mata. Dizer apenas que era enorme talvez não seja o suficiente. Os galhos dele se erguiam acima das nuvens e as raízes alcançavam o País dos Mortos, nas profundezas da terra. Diz-se que em algum momento durante a criação do céu e da terra, o senhor Izanagi<sup>1</sup>, para repelir as oito divindades do trovão<sup>2</sup> para o Yomotsu Hirasaka<sup>3</sup>, jogou frutos de pêssego – frutos estes que se tornaram os ramos do pessegueiro de que falamos.

---

1 Deidade xintoísta, último (junto com sua parceira Izanami) das sete gerações de deuses a surgir após a criação do universo, segundo a mitologia japonesa.

2 São oito divindades que emergiram do corpo em decomposição de Izanami quando Izanagi desrespeitou seu pedido para que não a olhasse enquanto estivesse no mundo dos mortos.

3 Colina na província de Shimane, onde se acreditava estar localizada a entrada para o mundo entre o mundo dos demônios e o mundo celestial.





Desde o despertar do mundo, uma vez a cada dez mil anos as flores desabrochavam e geravam frutos. As flores suspendiam dourados cachos de frutos – e novamente não esperem que eu diga apenas que eram grandes – de pele carmesim. No entanto, o mais extraordinário era os frutos carregarem em seu cerne crianças em vez de sementes.

Há muito e muito tempo, os galhos do pessegueiro cobriam os campos e montanhas, banhados tranquilamente pela luz do sol, enquanto os frutos se acumulavam aos montes. Os frutos que só brotavam a cada dez mil anos passavam mil sem cair ao chão.

Porém, numa manhã solitária, o destino tomou a forma de Yatagarasu<sup>4</sup> e desceu imediatamente até os ramos. Com uma bicada, derrubou um fruto que acabara de amadurecer. O fruto caiu lá longe, num riacho que cortava a montanha, coberto de névoa. Obviamente, esse riacho que corria entre os picos da montanha donde se erguia uma névoa branca era o tal riacho que corria em direção ao mundo onde viviam os homens.

Depois de ter partido das profundezas da mata, aquele fruto que trazia uma criança em seu interior acabou indo parar na mão de que tipo de pessoas? Não há necessidade de falar sobre isso agora. No fim do riacho, conforme toda criança no Japão sabe, havia uma senhora sozinha lavando algumas peças de roupa do velho marido, que havia ido cortar lenha.

## II

Momotarō, aquele que havia nascido do pêssego, decidiu que conquistaria Onigashima, a Ilha dos Demônios. E se querem saber o porquê de tal iniciativa, ela se deve ao fato de o garoto achar que sair para trabalhar nas montanhas, rios e campos de cultivo, tal como faziam os idosos, era desagradável. O velho casal, que ouvira toda aquela

---

4 Corvo de três patas que, segundo a mitologia japonesa, guiou o primeiro imperador às terras japonesas.



conversa e que já estava farto de tamanha vilanice, imediatamente satisfez o desejo de livrar-se dele, providenciando-lhe, um a um: o estandarte, a *tachi*<sup>5</sup>, o *jimbaori*<sup>6</sup> e todos os mantimentos necessários para o fronte de batalha. Além disso, conforme exigência de Momotarō, o casal guarneceu os mantimentos inclusive com kibidango<sup>7</sup>.

O garoto seguia exultante seu caminho rumo à conquista de Onigashima. De repente, um cachorro de rua grande, com olhos brilhando de fome, se aproximou, cumprimentando-o.

– Momotarō! Momotarō! O que trazes na cintura?

– É o melhor kibidango do Japão! – Respondeu orgulhoso o garoto.

Obviamente que na verdade, ele mesmo tinha dúvidas quanto a ser ou não o melhor já feito no Japão. No entanto, ao ouvir sobre o kibidango, o cão se aproximou imediatamente.

– Dê-me um, por favor. Serei seu companheiro.

Momotarō então puxou um ábaco.

– Não posso te dar um todo. Vamos dividir?

– Dê-me um, por favor! – continuou o cão, obstinado.

No entanto, o cão continuou a recusar as ofertas do garoto para dividir. Assim sendo, como em toda negociação, no fim das contas, o que nada tem há de se submeter à vontade daquele que tem. Assim foi com o cão. A despeito da lamentação, ele, em vez de aceitar metade do kibidango, decidiu acompanhar o menino.

Depois disso, Momotarō, usando a metade de kibidango como isca, recrutou, além do cão, um macaco e um faisão verde.

No entanto, infelizmente, o relacionamento entre eles não foi muito amigável. O cão, que possuía presas fortes, costumava fazer o macaco de tolo, o macaco, por sua vez, um hábil contador, ludibriava o faisão ingênuo na divisão do kibidango e este, um bom conhecedor de sismologia, enganava o estúpido cão – e com essas disputas

---

5 Espada mais longa que as usuais.

6 Vestimenta para ser usada sobre a armadura no campo de batalha.

7 Doce feito a partir dos grãos moídos de milho seco.

continuando, o garoto não tinha muito com o que se preocupar em relação aos três.

Além disso, o macaco, apesar da barriga cheia, pôs-se a entoar suas insatisfações. Dizia ele ser um problema acompanhar Momotarō na conquista de Onigashima recebendo mísero meio kibidango. Então, o cão latiu e num movimento repentino tentou matar o macaco a mordidas. Se o faisão não tivesse intervindo, o macaco já estaria morto àquela hora, sem ao menos esperar pela vingança dos caranguejos<sup>8</sup>. Enquanto acalmava o cão, o faisão ensinava ao macaco sobre a conduta do relacionamento entre servo e senhor, dizendo que todos deveriam seguir o senhor Momotarō. Mesmo assim, tendo escapado do ataque canino subindo numa árvore à beira da estrada, o macaco não aceitou de bom grado as palavras da ave. Fazê-lo finalmente compreender foi certamente obra do garoto. Olhando para o macaco, Momotarō, usando um leque decorado com o sol nascente, disparou indiferente o seguinte:

– Muito bem. Não precisa me acompanhar. Assim sendo, quando conquistar Onigashima, não terei que dividir o tesouro!

O macaco ganancioso arregalou os olhos:

– Tesouro? Oh... Há tesouro em Onigashima?

– Não só há como não é nada menos que o Uchide no Kozuchi<sup>9</sup>, que te dá o que você quiser quando martelado.

– Então, esse Uchide no Kozuchi, s'eu martelá-lo várias vezes, vou conseguir mais deles, hein?! Isso muito me agrada. Deixe-me ir com você, por favor!

Mais uma vez, Momotarō, tendo conseguido fazê-los ir com ele, seguiu apressado seu caminho rumo à conquista de Onigashima.

---

8 Referência à uma fábula japonesa sobre a disputa entre um macaco e um caranguejo que resulta na morte do segundo. Anos depois, o macaco é assassinado pelos descendentes do caranguejo, fazendo justiça à morte de seu ancestral.

9 Trata-se de um martelo mágico presente também na fábula de *Issun Boshi*, [literalmente] o monge que media um sun (mais ou menos 3,03cm).

### III

Onigashima era uma ilha isolada nos mares distantes. No entanto, não se trata de uma ilha de montanhas e rochas, como as pessoas costumam pensar. Na verdade, era um paraíso de natureza bela, onde palmeiras se erguiam e Aves do Paraíso cantavam. Os demônios que nasceram em tal paraíso naturalmente eram amantes da paz. Demônios, mais do que a própria espécie humana, originalmente pareciam designar uma espécie devota dos prazeres. O Demônio da história do *Kobutori*<sup>10</sup> dançava a noite inteira. O do *Issun Bōshi*<sup>11</sup> também. Arriscando a própria segurança, parece que se apaixonou pela filha de um nobre que visitava um templo. De fato, Shuten Dōji<sup>12</sup>, do monte Ōe, e Ibaraki Dōji<sup>13</sup>, do Rashōmon<sup>14</sup>, são os raros demônios considerados malévolos. No entanto, Ibaraki Dōji e Cia. amavam Suzaku<sup>15</sup>, tal como nós amamos Ginza<sup>16</sup>. Será que é por isso que eles às vezes apareciam no Rashōmon? Shuten Dōji também. Certamente ele passava o tempo bebendo saquê nas cavernas do monte Ōe. A respeito do rapto das donzelas – verdade ou não, só há a palavra delas e, considerar tal palavra como verdade absoluta... – Bem, faz vinte anos desde que ouvi a história e as dúvidas ainda me perseguem. Não teriam sido Raikō<sup>17</sup> e os Shitennō<sup>18</sup> os adoradores de mulheres que acabaram por enlouquecer?

---

10 Lenda a respeito de um velho que tem um tumor arrancado de sua bochecha por um demônio como forma de agradecimento.

11 Idem à nota nove.

12 Demônio que vivia no monte Ōe e ocasionalmente descia à capital para fazer arruaça.

13 Outro demônio do monte Ōe que costumava aparecer disfarçado de mulher no Rashōmon.

14 Portão localizado no lado sul da Avenida Suzaku.

15 Avenida principal das antigas capitais imperiais, que levava diretamente ao palácio.

16 Um distrito popular de Tóquio já no século XIX.

17 Minamoto no Yorimitsu (948-1021), também conhecido como Minamoto no Raikō. Regente do clã Fujiwara, como personagem fictício aparece relacionado à lenda do Shuten Dōji.

18 Originalmente deidades budistas protetoras dos quatro pontos cardeais. No entanto, aqui se trata da alcunha dos companheiros de Minamoto no Raikō: Sakata no Kintoki,



Os demônios viviam na mais perfeita tranquilidade nesse cenário tropical, onde tocavam coto, dançavam e recitavam poemas de poetas de outrora. Além disso, suas mulheres e filhas teciam, destilavam o saquê, faziam buquês de orquídeas, etc., tal como nossas mulheres humanas. Sem contar que as mães, cujos cabelos já haviam esbranquiçado e as presas caído, cuidavam dos netos enquanto falavam do pavor que sentem de nós, humanos.

– Se vocês fizerem besteira vão acabar indo parar na ilha dos humanos! O demônio que for parar lá vai acabar morto, tal como o velho Shuten Dōji – É? O que são esses humanos? – Humanos são criaturas de rosto, mãos e pés pálidos, sem chifre e não têm um pingo de compaixão! E para piorar, no dia em que vierem com suas mulheres, essas de rostos, pernas e braços pálidos que passam pó de chumbo nos próprios rostos! Se for só isso ainda está de bom tamanho, viu?! Homens e mulheres são todos iguais: mentem, são gananciosos, invejosos, excessivamente vaidosos, matam uns aos outros, ateiam fogo e roubam. São selvagens irremediáveis.

#### IV

Momotarō provocou nesses demônios inocentes um medo que não sentiam desde a fundação do país. Esquecendo suas clavas de metal, eles corriam, tentando escapar por entre os coqueiros imponentes, gritando: “Os humanos chegaram!”.

– Vão! Vão! Matem todos os demônios que encontrarem até não sobrar um! – Ordenava o garoto aos três animais, segurando o estandarte em uma mão e sacudindo e lançando o leque de sol nascente.

O cão, o macaco e o faisão talvez não fossem os servos mais companheiros, mas sem dúvida, a fome os tornava soldados imbatíveis. Os três perseguiram furiosos os demônios que fugiam. O cão matou um jovem demônio com uma única mordida, o faisão apunhalou até

a morte um demônio criança com seu bico afiado, e o macaco, que tem parentesco com nós, humanos, antes de estrangular as filhas dos demônios, fazia questão de violentá-las.

Depois de todas as atrocidades cometidas, o líder dos demônios e aqueles que conseguiram sobreviver finalmente se renderam diante de Momotarō. Imaginem a satisfação do garoto! Onigashima já não era o mesmo éden de ontem, onde as Aves do Paraíso cantavam. A floresta de coqueiros estava coberta com os cadáveres dos demônios que para ali fugiram. O garoto, como sempre, com o estandarte na mão e acompanhado de seus três servos, de forma majestosa anunciou o seguinte ao líder dos demônios, ajoelhado diante dele:

– Então, devido à minha excepcional misericórdia, pouparei a vida de vocês. Em troca, deem-me todo o tesouro de Onigashima!

– Sim. Daremos.

– E tem mais. Além disso, entreguem-me seus filhos como reféns!

– Aceitamos isso também.

O líder, mais uma vez, abaixou sua cabeça até a testa encostar-se ao chão e, receoso, perguntou:

– Sabemos que cometemos alguma ofensa para sermos subjulgados por vós. No entanto, a começar por mim, nenhum demônio de Onigashima compreende qual. Vossa senhoria poderia vir a esclarecer as circunstâncias dessa afronta?

Momotarō, com um gesto calmo, assentiu.

– Momotarō, O Grande, acompanhado do cão, do macaco e do faisão, seus fiéis serviçais, veio conquistar Onigashima.

– Mas, como conseguiste recrutar esses três?

– Desde o começo eu decidi que queria conquistar Onigashima, e os recrutei usando kibidango...

– Como? Se vocês ainda não entenderam, vou acabar tendo que matar todos.

O líder, espantado, afastou-se alguns passos para trás, fazendo medidas enquanto se afastava.

## V

Momotarō, O Grande, junto com o cão, o macaco e o faisão, voltou triunfante à sua terra natal, carregando em uma carroça os tesouros e os filhotes reféns – e essa é a versão bastante conhecida pelas crianças do Japão. No entanto, isso não quer dizer que o garoto tenha passado o resto da sua vida feliz. Os filhotes, já crescidos, mataram a mordidas o faisão, que os vigiava, e fugiram para Onigashima. Além disso, os demônios que sobreviveram à conquista da ilha, vez ou outra, atravessavam o mar sorrateiramente para atear fogo na propriedade de Momotarō, tentar cortar-lhe a cabeça enquanto dormia, etc. O rumor era de que o macaco foi assassinado por ter sido confundido com ele. Por conta desses constantes infortúnios, o garoto não vivia um dia sequer sem lamentar suas aflições.

– É difícil lidar com o rancor dessas criaturas chamadas demônios.

– No fim das contas, esses sujeitos insolentes esqueceram a dívida de gratidão para com o mestre que lhes poupou a vida.

E o cão uivava, compadecido pela expressão de infelicidade de Momotarō.

Enquanto isso, na praia solitária de Onigashima, banhados pelo belo luar dos trópicos, cinco ou seis jovens demônios, planejando a independência de Onigashima, faziam munição com os frutos dos coqueiros. Esqueceram-se até do amor com as graciosas moças, mas silenciosamente seus olhos redondos como xícaras brilhavam contentes...

## VI

O pessegueiro que irrompia em nuvens e névoa no interior da mata que humano nenhum conhece continua, tal como no passado,

apinhado de frutos. Obviamente, faz muito tempo que o fruto que gestou Momotarō acabou indo com a correnteza do rio que corria pelas montanhas. No entanto, os prodígios do futuro ainda dormem, sem que saibamos quantos pode haver dentro desses frutos. Quando será que aquele grande Yatagarasu vai se mostrar de novo no topo daquela árvore? Ah! Os prodígios do futuro ainda dormem e não sabemos quantos pode haver dentro desses frutos.

Junho do 13º ano da Era Taishō



## RELATÓRIO DO PROCESSO DE TRADUÇÃO DO *MOMOTARÔ*

Talvez por conta da dinâmica de trabalho do grupo de tradução (que já existia e estava em pleno funcionamento quando me juntei a ele), minha tradução para o português da releitura de Akutagawa para a famosa narrativa *Momotarô* começou e seguiu de forma intuitiva, sem muito tempo (e aparentemente, necessidade) para aprofundamentos teóricos nesse primeiro momento. As escolhas foram feitas conforme a tradução avançava e sem muitos critérios além do “soar bem ao leitor brasileiro”.

A respeito do texto original, os dois maiores obstáculos com que tive de lidar durante o processo tradutório dizem respeito aos aspectos culturais e linguísticos. De um lado, havia o problema da compreensão textual: algumas passagens (sobretudo as que apresentavam grande número de orações subordinadas e vocabulário peculiar); e do outro, o aspecto cultural, que foi o grande problema: o texto é repleto de referências a elementos que deviam ser bem conhecidos dos leitores japoneses contemporâneos de Akutagawa, mas que pouco dizem aos brasileiros.

Conforme mencionei, fiz minhas escolhas conforme a tradução ia tomando forma, totalmente ignorante do conhecimento teórico produzido pelos estudiosos da linguagem. No entanto, busquei sempre tornar (na medida do possível) o texto mais familiar aos leitores nativos da língua portuguesa do Brasil, evitando ao máximo descaracterizar o texto original.

Muitas vezes, mesmo sendo possível manter a ordem sintática mínima dos constituintes de uma oração em japonês, optei por inverter essa ordem em prol de uma sintaxe mais familiar ao português. Dessa forma, em frases como *mukashi, mukashi, oomukashi, aru fukai yama no oku ni ookii momo no ki ga ippou atta*, decidi inverter a ordem dos sintagmas *aru fukai yama no oku ni* (nas profundezas da mata) e *ookii momo no ki ga ippou* (um enorme pessegueiro), de modo que, a tradução ficou da seguinte forma: “Há muito e muito tempo atrás, havia um enorme pessegueiro nas profundezas da mata”, e não “(...) havia nas profundezas da mata um enorme pessegueiro”.

Outra decisão tomada no sentido de privilegiar a fluência do texto em língua portuguesa foi abrir mão do uso exaustivo de uma mesma construção, ocorrência que em japonês pode não ter qualquer influência sobre a avaliação do texto, mas que em português é de bom tom que se evite. Assim, na passagem *kono ki wa sekai no yoake irai, ichimannen ni, ichido hana o aki, ichimannen ni ichido mi o tsukete ita*, em que a construção *ichimannen ni ichido* (uma vez a cada dez mil anos) aparece mais de uma vez, optei por suprimir essa repetição, traduzindo a passagem dessa maneira: “Desde o despertar do mundo, uma vez a cada dez mil anos, as flores desabrochavam e geravam frutos”.

Creio não ter causado prejuízo ao texto de Akutagawa em ambos os exemplos trazidos e nos demais em que as mesmas ocorrências foram verificadas. No entanto, uma quantidade considerável de vocábulos surgiu pelo caminho e compreendê-los e transcodificá-los exigiu diferentes soluções. Trabalhar palavras e expressões aparentemente transparentes, como *yama no oku* (cuja tradução literal era

incompatível com o sentido desejado), não raro exigiu o esforço conjunto do grupo, ainda que a proposta fosse traduções individuais.

Novamente seguindo o critério de priorizar a fluência do texto na língua alvo, decidi traduzir apenas palavras que não teriam prejuízo de sentido, caso fossem traduzidas. Dessa forma, traduzi termos como País dos Mortos (*yomi no kuni*), demônios (*oni*), mas mantive outros, como *kibidango* (bolinho de painço) e *onigashima* (Ilha dos demônios), pois julguei que ambos se esvaziariam de sentido, caso optasse por traduzi-los. Como solução, optei por notas de rodapé para fornecer todas as referências que se perdem na tradução para o português, tanto nas questões discutidas nos dois parágrafos anteriores, quanto nos elementos culturais desconhecidos dos não japoneses.

Por fim, ainda que não tenha influenciado diretamente meu processo de tradução, a posterior leitura de *Tradução: História, Teorias e Métodos* (Oustinoff, 2011) foi essencial para a construção da minha postura como tradutor, pois estou alinhado com a corrente de pensamento que considera adequada a tradução capaz de produzir na língua alvo o pouco que seja do efeito que o texto original produziu em seus leitores.

*Versão baseada em textos tradicionais e  
infantis por*

Cristine Akemi Sakô

## Momotarô

Antigamente, bem antigamente, em um certo local, havia um velhinho e uma velhinha. O velhinho foi à montanha para recolher lenha, enquanto a velhinha foi ao rio para lavar roupa. Nesse momento, a velhinha avistou um grande pêsego que estava sendo trazido pela correnteza. Parecia ser muito gostoso, então ela pegou a fruta e a levou para casa.

Ao anoitecer, o velhinho retornou, com a lenha nas costas. A velhinha mostrou-lhe o pêsego que recolhera no rio e o velhinho concordou que tinha uma aparência apetitosa. Quando foram cortar o pêsego com uma faca, a fruta partiu-se sozinha e dentro dela havia um gracioso menino que chorava sem parar. Os velhinhos apavoraram-se com a situação, mas quando se acalmaram decidiram que ele se chamaria Momotarô, o menino que nasceu do pêsego<sup>1</sup>.

O velhinho e a velhinha alimentaram Momotarô com papa de arroz e peixe, e ele cresceu tão bem que uma tigela de comida apenas

---

<sup>1</sup> *Momo* significa pêsego em japonês; *Tarô* é um nome masculino comum em histórias folclóricas japonesas.

não era o suficiente, ele pedia sempre mais. Tornou-se uma criança forte e inteligente.

Certo dia, Momotarô disse ao velhinho e à velhinha que iria à Ilha dos Ogros para exterminar essas criaturas e pediu à velhinha que lhe fizesse o melhor bolinho de painço do Japão. O velhinho disse a Momotarô que ele ainda era muito jovem para realizar tal tarefa, mas o menino não lhe deu ouvidos. Como não havia jeito de fazer com que ele desistisse dessa ideia, os velhinhos prepararam-lhe o melhor bolinho de painço do Japão, amarraram uma nova faixa em sua cabeça e penduraram-lhe na altura do quadril uma espada e os bolinhos. Colocaram em suas costas uma bandeira em que se lia “Momotarô, o melhor do Japão”.

Momotarô enfim partiu para a Ilha dos Ogros. Quando deixou a vila, encontrou um cachorro, que vinha latindo. O cachorro perguntou para onde o menino estava indo. Momotarô respondeu que estava indo conquistar a Ilha dos Ogros. O cachorro indagou o que seria aquilo preso em seu quadril. Quando o garoto disse que eram os melhores bolinhos de painço do Japão, o cachorro ofereceu-se para acompanhá-lo na viagem caso Momotarô lhe desse um bolinho. O garoto aceitou, mas com a condição de que o cachorro fosse seu servo. Em seguida, enquanto retomavam o caminho, encontraram um pavão, que vinha cantando. O pavão recebeu um bolinho e se tornou servo de Momotarô, assim como aconteceu com o cachorro. Andaram mais um pouco e um macaco aproximou-se, gritando. Ele também se tornou servo em troca de um bolinho de painço.

Momotarô era o líder do grupo. Entregou a bandeira ao cachorro, a espada ao macaco e levou-os em direção à Ilha dos Ogros. Chegando lá, havia um enorme portão preto. O bando fez uma algazarra tal que um ogro saiu para ver o que estava acontecendo.

O menino anunciou-se como Momotarô, o melhor do Japão, que veio exterminar os ogros. Junto com os três animais, Momotarô atacou os ogros de modo que até mesmo os ogros mais fortes perderam para

o garoto. O líder dos ogros, com os olhos cheios de lágrimas, pediu clemência a Momotarô, jurando que nunca mais fariam nada de ruim.

Momotarô disse que, já que os ogros prometeram não fazer mais mal, pouparia a vida deles. O líder dos ogros entregou os tesouros roubados dos humanos a Momotarô, que os colocou em uma carroça e fez o cachorro, o pavão e o macaco puxarem-na até chegarem na casa do velhinho e da velhinha. Os tesouros serviram como presentes para os velhinhos.

Essa história chegou aos ouvidos do imperador, que condecorou Momotarô pelo feito. O velhinho e a velhinha também, desse momento em diante, viveram confortavelmente junto com Momotarô pelo restante de suas vidas.

### Referências bibliográficas

HIMENO, M.; ITÔ, S. 2) *Script* de “Momotarô”. *Nihongo II – Gaikokugo to shite no* (“Língua Japonesa como língua estrangeira – II”). Tokyo: Foundation for the Promotion of the Open University of Japan, 2003. p. 13-15.

SEKI, K. Momotarô (“Momotarô – o menino pêssego”).

*Momotarô · Shitakiri suzume · Hanasaka Jijū – Nihon no mukashibanashi (II)* (“Momotarô – o menino pêssego · O pardal de língua afiada · O velhinho que fez as flores florescerem – Contos antigos japoneses II”). Tokyo: Iwanami Shoten, 1994. p. 12-15.

\_\_\_\_\_. Momo no Kotarô (“O menino do pêssego”).

*Momotarô · Shitakiri susume · Hanasaka Jijū – Nihon no mukashibanashi (II)* (“Momotarô – o menino pêssego · O pardal de língua afiada · O velhinho que fez as flores florescerem – Os contos antigos do Japão II”). Tokyo: Iwanami Shoten, 1994. p. 16-18.

TSUBOTA, J. Momotarô. *Nihon no mukashi banashi (5)*  
 (“Contos antigos japoneses (5)”). Tokyo: Kaiseisha, 1988. p. 11-17.



*Tradução da música infantil Momotarō*  
*por*  
Vanessa Higashi

1. 桃太郎さん 桃太郎さん お腰につけた 黍団子  
一つわたしに 下さいな
2. やりましょう やりましょう これから鬼の  
征伐に ついて行くなら やりましょう
3. 行きましょう 行きましょう あなたについて  
何処までも 家来になって 行きましょう
4. そりゃ進め そりゃ進め 一度に攻めて 攻め  
やぶり つぶしてしまえ 鬼が島
5. おもしろい おもしろい のこらず鬼を 攻め  
ふせて 分捕物を えんやらや
6. ばんばんざい ばんばんざい お伴の犬や 猿  
雉は 勇んで車を えんやらや

1. Momotarou! Momotarou! Me dê um dos kibidangos que você carrega amarrado na cintura!
2. Dou sim! Dou sim! Se você for derrotar os demônios comigo, eu dou!
3. Vou sim! Vou sim! Vou com você aonde for e serei sua sentinela!
4. Vamos em frente! Vamos em frente! Vamos atacar e destruir a Ilha dos Demônios!
5. Que alegria! Que alegria! Rendemos todos os demônios e carregamos o espólio!
6. Viva! Viva! Meus companheiros cão, macaco e faisão puxam a carroça animadamente!

# *Em torno à tradução da obra japonesa Momotarō de Ryūnosuke Akutagawa para o português<sup>1</sup>*

Neide Hissae Nagae

A tradução interlíngua apresenta muitas complexidades independente do par linguístico envolvido, uma vez que se trata, na realidade, de tradução intercultural, de trabalhar com conhecimento de mundos dentro dos diferentes universos da língua de partida e da língua de chegada.

Apresentamos, aqui, alguns aspectos que envolveram a tradução de *Momotarō*, conto japonês da autoria de Ryūnosuke Akutagawa (1893-1926) produzido em 1924. Um deles é sobre o percurso do trabalho que apresenta 5 traduções seguidas de comentários feitos pelos próprios tradutores, da tradução da música e do conto infantil, homônimos, desenvolvidos pelo Grupo de Estudos de Tradução da USP entre 2012 e 2015; o segundo são constatações encontradas nos trabalhos de tradução; e o terceiro, uma análise inicial da obra de Akutagawa entre outras considerações a seu respeito.

A tradução de uma obra literária japonesa foi o objetivo principal de professores e alunos que se reuniam periodicamente para assistir a palestras de tradutores profissionais juramentados e ou literários e

---

<sup>1</sup> Utilizamos o sistema de transliteração Hepburn para a elaboração deste texto, com exceção dos exemplos citados para o estudo.

discutiam sobre aspectos tradutórios. Além do exercício de tradução, almejava-se a ampliação e aprofundamento da língua japonesa em si do grupo formado por alunos de graduação e de pós-graduação da USP. O grupo, assim, teve a oportunidade, de cada qual aperfeiçoar os conhecimentos da língua japonesa, em seus diferentes níveis de proficiência, e ampliar a bagagem cultural japonesa e brasileira. Com o tempo, a criação de um material de estudo de tradução japonês-português somou-se ao propósito de concluir a tradução de um texto individualmente. Como as traduções individuais não foram disponibilizadas para serem compartilhadas, resultaram em traduções elaboradas a partir de escolhas pessoais, e apresentam-se em um estado natural de um estágio considerado final, mas, que como sabemos, sempre podem ser reelaboradas. Este trabalho constitui, dessa maneira, um rico material, como registro valioso para diversas pesquisas e estudos, mas há que se considerar o contexto de sua elaboração, as pessoas envolvidas e as condições em que foram realizadas.

Enquanto percurso do trabalho, o primeiro passo consistiu na escolha da obra a ser traduzida pelo grupo e entre as sugeridas pelos participantes, duas foram as mais votadas: a que é objeto deste trabalho e *Sementodaru no naka no tegami* (A carta no barril de cimento) de Yoshiki Hayama, cuja tradução seria feita na sequência, mas que acabou sendo traduzida por outra pessoa e publicada enquanto a primeira era desenvolvida.

Akutagawa é um autor já conhecido por vários de seus contos traduzidos para o português, pelo filme *Rashōmon* de Akira Kurosawa que ganhou o Leão de Ouro no Festival de Veneza e por ser um dos autores mais estudados em disciplinas dos cursos de graduação em japonês nas Universidades Japonesas. O escritor era mais familiar a todos, e quando publicado, *Momotarō* seria positivo para levar mais um conto ao público brasileiro e ampliar o conhecimento sobre as suas produções, e que também dá nome ao mais famoso Prêmio

Literário Japonês, para o qual escritores da chamada literatura culta concorrem anualmente.

A extensão da obra também foi um fator favorável, pois era preciso um texto mais curto para garantir a consecução do trabalho com um maior número de integrantes. O conto estava disponível no *Aozora Bunko*, um site de obras japonesas já em domínio público, o que facilitou o acesso e dispensou a preocupação com os direitos autorais. Cabe lembrar que, com exceção de alguns ideogramas antigos que foram atualizados para os novos, não há diferenças substanciais entre o Momotarō disponível no site e o original encontrado nas obras completas do autor intitulada *Akutagawa Ryūnosuke Zenshū* Volume 3, da 12ª. impressão da Editora Chikuma Shobō de 1981, da 1ª. edição e impressão de 1971, ou o da edição de bolso da Editora Shūeisha na antologia do autor intitulada *Kappa*, N.343.

As etapas para a sua tradução foram sugeridas pelas professoras do grupo, mas em comum acordo com os integrantes. Por se ter o estudo da própria língua japonesa como um dos objetivos, já que o grupo era composto por pessoas com diferentes graus de proficiência de japonês, os primeiros passos consistiram em leituras individuais da obra para a compreensão textual. Foram feitas exposições sobre o mesmo, dividindo-o previamente entre alguns participantes que se propuseram a fazer a apresentação para o grupo. As exposições foram feitas praticamente frase a frase, com a elucidação do vocabulário, expressões, e estruturas frasais que ofereceram dificuldades de compreensão e de transposição para o vernáculo, bem como dos elementos intertextuais e culturais presentes. Lançaram-se mão de muitos recursos para a compreensão, inclusive a de imagens, e as exposições sempre suscitaram muitas discussões. Outras informações pertinentes foram apresentadas nos encontros, outros inseridos num site de discussões do grupo, entre os quais destacamos os aspectos ligados ao pêssego, a música e a história infantil homônima.

Compreendido o conteúdo geral do conto, a partir de um conhecimento compartilhado do texto, a segunda etapa consistiu na tradução individual da obra com prazos para as entregas.

Cada integrante fez suas escolhas finais, comentando as opções realizadas e fundamentando-as na medida do possível. Almejou-se uma riqueza de textos que haveria de ser obtida com traduções feitas por indivíduos com vivências distintas, e prevendo que se fosse um texto único, feito em conjunto, ter-se-ia um resultado de uma tradução negociada entre os integrantes.

A segunda etapa consistiu na finalização individual de sua própria tradução, e as professoras do grupo de estudos fizeram a revisão e limitaram-se a sugerir correções ligadas à compreensão do significado.

Nesse meio tempo, o grupo se reuniu com os outros dois grupos da Unesp e da Faculdade Messiânica integrantes do Grupo de Pesquisas CNPq<sup>2</sup> que trabalhavam textos diferentes também definidos pelos respectivos grupos, para apresentações dos conteúdos em desenvolvimento e destas e outras discussões. Sentiu-se a necessidade de apresentar a música *Momotarō*, o conto infantil homônimo que possui muitas escritas e reescritas, para que os leitores pudessem entender a releitura proposta por Akutagawa. Foram também pensados outros textos que abordassem a simbologia do pêssego, o que este trabalho apresenta de modo sucinto.

As traduções dos contos de Akutagawa foram finalizadas por dois alunos de graduação e três de pós-graduação, e os mesmos elaboraram uma breve apresentação de seu fazer tradutório, os quais podem ser lidos neste material. Sabe-se que os diários de tradução teriam sido ideais, mas mesmo em se tratando de reflexões a posteriori, ainda são de grande valia como instrumentos de um registro da experiência vivida com este trabalho. Ao final, os tradutores entregaram suas

---

2 O Grupo de Pesquisas CNPq: “Abordagens em estudos de arte, história, linguística e literatura japonesa – tradição autóctone e tradição ocidental-europeia” foi criado na UNESP em 2006, desenvolveu outros trabalhos interinstitucionais e foi encerrado em dezembro de 2016.

versões definitivas para aquele momento, sendo que os seus comentários sobre o seu próprio fazer tradutório constituem elaborações espontâneas e individuais. A produção do material de estudo seguiu com a opção de inserir a tradução do conto infantil e da música, a apresentação do autor e de algumas de suas obras e uma reflexão geral sobre o trabalho como um todo.

Há muitas versões entre os contos que deram origem à história infantil que ficou mais conhecida, inclusive em mangá, de modo que a opção foi elaborar o texto aqui apresentado, com base nas mais conhecidas, divulgadas em livros infantis e materiais didáticos. O texto foi inserido neste material para que os leitores consigam acompanhar a paródia do herói Momotarō, método esse já consagrado de Akutagawa com suas obras criadas a partir de releituras de textos antigos. Sem dúvida, ela servirá de base para outras análises e investigações mais detidas sobre as tantas versões.

A música *Momotarō* é bastante conhecida e cantada no Japão. Ela foi apresentada ao grupo por esta pesquisadora, sendo que alguns não a conheciam, e faz parte deste material para que seja conhecida e sirva para futuras análises. Ela consta entre as “Canções para a Escola Elementar” (*Jinjōshōgaku shōka*), material organizado pelo Ministério da Cultura em 1911<sup>3</sup> para uso do primeiro ano.

Entrando nas considerações sobre os aspectos que envolvem o material produzido, iniciamos pelo nome do protagonista Momotarō, um herói icônico no Japão. Ele é composto por *momo* 桃 que é pêssego, e *tarō* 太郎. Tarō é um nome masculino muito comum, usado sozinho ou como sufixo em combinações que resultam em Kintarō 金太郎 e Kōtarō 幸太郎 · 高太郎 · 光太郎 entre outros, e o macron, traço horizontal em cima do “o” acrescenta um alongamento

---

3 No original, 文部省編『尋常小学唱歌』第一学年用 明治44年5月8日発行、国定教科書共同販売所. Sabe-se que as escolas japonesas possuem uma prática de cantoria periódica antes do início da aula, regida por plantonistas da turma que se revezam entre essa e outras tarefas para o bom convívio escolar.



à vogal em sua pronúncia e segue o sistema Hepburn<sup>4</sup>, o mais utilizado em dicionários e internacionalmente para a transliteração da língua japonesa, mas que não é totalmente adequado à língua portuguesa.

Talvez por isso, as traduções do nome do protagonista, os nomes próprios e empréstimos da língua japonesa mostram variações nas grafias em função das opções feitas pelos próprios tradutores, pois para este trabalho, em específico, não se buscou a uniformização desses aspectos, uma vez que um dos propósitos era ter uma dimensão das diferentes visões entre as tantas opções que uma tradução para o português da língua japonesa oferece.

As formas de transliterações do japonês são várias. Utilizando o alongamento da vogal “o” como exemplo, temos “ô” do sistema Kunrei<sup>5</sup>; “oo”: usado pelo Gabinete do Governo em ofícios; “ou”: o sistema 99<sup>6</sup>, e “oh”: uma das grafias permitidas em passaporte.

Os tradutores usaram o Kunrei e o Hepburn. Enquanto resultado, a presente atividade de tradução mostra, embora parcialmente, como as grafias ainda não estão devidamente convencionadas, em função das particularidades dos sons da língua japonesa e que exigem reflexões conjuntas a respeito. Uma discussão foi realizada no Congresso Internacional de Estudos Japoneses no Brasil, sediado na Universidade Federal do Amazonas, mas ainda se mostra uma difícil situação a contornar. Um exemplo disso são os alongamentos das vogais como se vê no nome do protagonista da obra escolhida. Apenas a título de exemplo, destacamos as formas de transliteração de し; ちゃ; ちゅ e ちよ somente dos 4 principais sistemas, conforme se pode observar no quadro:

---

4 Criado em 1859 por James Curtis Hepburn (1815-1911), missionário e médico e autor do primeiro dicionário japonês/inglês e inglês/japonês.

5 Normalizado em 1954 pelo Ministério da Educação, Ciência e Cultura, hoje, Ministério da Educação, Cultura, Esporte, Ciência e Tecnologia)

6 *Nippon-no-Rômazji-Sya* NRS <http://www.roomazi.org/>

	BRASIL (?)	HEPBURN	KUNREI	NIHON	99
し	SHI	SHI	SI	SI	
ちゃ	TCHA, TYA	CHA	TYA	TYA	TYA
ちゅ	TCHU, TYU	CHU	TYU	TYU	TYU
ちよ	TCHO, TYO	CHO	TYO	TYO	TYO

Legenda: Tabela comparativa dos sistemas de transliteração com as possibilidades no português brasileiro.

O sistema japonês Kunrei 訓令式 é ensinado nas escolas de nível fundamental e é normatizado pelo Ministério da Educação, Ciência e Tecnologia em 1954; o sistema japonês Nihon 日本 é praticado desde Meiji juntamente com o Hepburn, e o Kyūkyū 99 foi instituído pela *Nippon-no-Rōmaji-Sya* (Associação de Romanização do Japão) em 1999 e tem por base o Kunrei.

Nas traduções do conto de Akutagawa, no conto infantil, na música e na apresentação de autor e obra, é possível observar que essa oscilação nas variedades encontradas na transliteração, centraram-se nos sistemas Hepburn, Kunrei e 99 (vide quadro Anexo do levantamento de nomes próprios e estrangeirismos no final).

A seguir, apresento algumas considerações a partir das constatações em torno à transliteração e às realizações da tradução e que estão relacionadas também às opções tradutórias. No título, foram três as realizações: “Momotarô” pelo sistema Kunrei; “Momotarō” pelo sistema Hepburn, o que já era esperado, e a tradução como nome próprio em maiúscula, Menino do Pêssego, mais inusitada, por ser um nome composto. Observa-se que ao longo da tradução o nome aparece abreviado, só como Menino. Nenhuma tradução trouxe em nota a opção de transliteração feita, o que mostra que naquele momento em que se finalizou a tradução, 2014-2015, ainda era fraca a conscientização sobre as variedades e a necessidade de uma explicitação a respeito.

Algo observável também nestes trabalhos no tocante à transliteração é que os afixos referentes aos topônimos, no caso do nome próprio “Ôe” e o acidente geográfico “*yama*”, como “montanha” ou “monte” geram questões nem sempre fáceis de resolver, pois conforme os exemplos do Anexo: encontramos “monte” em maiúscula e minúscula (no caso, a minúscula é o usual no português) e um mantendo o original Ôeyama e que está sem nota. Como em japonês esse topônimo é composto pelos ideogramas 大江 (Ô) e 山 (*yama*), sendo o primeiro o nome próprio, e o segundo o acidente geográfico. Na realidade, por se tratar de uma pequena cordilheira, poderia suscitar dúvidas quanto à tradução de *yama*. Pensando-se em outros exemplos ligados a esse mesmo sufixo, é possível mencionar que muitos acidentes acabam possuindo a leitura de *san* para o mesmo ideograma 山 e alguns chegam a incorporá-lo no nome próprio, a exemplo de Daisen 大山 na Província de Tottori. Outro fato digno de nota seriam os nomes separados ou não por hífen, como por exemplo: Shuten-dôji; Shuten Dôji; Shutendôji; e Shuten Dôji, colocando em questão se são palavras compostas ou não. Embora isso seja discutível, o que é positivo nas opções dos tradutores é que eles foram coerentes dentro de seus textos ao uniformizar a utilização.

Destaco um substantivo comum e que gerou cinco diferentes apresentações nas cinco traduções: “bolinhos de cereal”; “bolinhos de milhete”; “*kibidango*, o bolinho de cereal”; “bolinho kibidango”, “kibidango”. Muito mais que a questão da transliteração, aqui, observa-se que a questão central é passar a ideia de que se trata de um tipo de bolinho. Vê-se o uso do itálico ou não, o plural e o singular. O bolinho em questão também recebeu nota de rodapé em “bolinho kibidango”, nesse caso específico sem o itálico na palavra estrangeira, como que a mostrar que ele seria um nome já lexicalizado como é o caso de “tatame”, a esteira de fibra vegetal usada para forração de aposentos das casas japonesas.

Cabe lembrar ainda que as diferenças gramaticais em que a presença de um elemento presente em um é ausente em outro, a exemplo do artigo, gênero, número, concordância nominal e verbal, em maior ou menor grau, exigem que o português crie uma precisão nem sempre existente na língua japonesa, a qual é mais contextual que a portuguesa.

Assim, no tocante ao Número, o que se deseja salientar é que, diferentemente do português, ele não é marcado na língua japonesa, de modo que *kibidango*, no japonês, não especifica quantos bolinhos eram, ou se só um. Dessa forma, quando o protagonista negocia a ajuda dos animais, aparecem “metade do kibidango” e “meio kibidango”, mas como não é claro se era um ou quantos, é difícil interpretar como foi exatamente a negociação que o menino fez com os animais. Quanto a estes, não foram tratados como nomes próprios de personagens, em todos constam com letra minúscula. Isso, em parte, revela algo que geralmente passa despercebido pois, a passagem do nome próprio em japonês é feita de forma muito natural para o português, com a letra inicial em maiúscula, mesmo que na língua japonesa não haja essa distinção. No português, isso é imperativo. Percebe-se, portanto, que não houve uma interpretação dos tradutores de que os nomes comuns dos animais pudessem ser tratados como nome próprio como ocorre nas fábulas, por exemplo. Pensando-se na transliteração de frases, se a primeira palavra não tivesse a inicial em maiúscula, isso geraria um grande estranhamento, e, observa-se que também na transliteração dos poemas em japonês, o mais comum é que se iniciem com a letra maiúscula.

Outra diferença entre o par linguístico trabalhado revela-se, de modo curioso, na apresentação de “Raikō” e “Shiten’nō” (usando aqui o sistema Hepburn). No texto, essa é a ordem normal e apesar das diferenças de transliteração encontradas, ou sendo apresentado somente o significado em português desses nomes próprios, constata-se que em uma das traduções, ela está em ordem inversa. Supõe-se

que isso se deva ao fato de que se costuma dizer que ao pensar uma frase em japonês, tentando estruturá-la em português, é mais fácil iniciar de trás para frente. Contudo, na presença de conectivos, a ordem entre as palavras simples ou compostas (muitas vezes sintagmas) é mantida, e isso pode não ter sido fixado o suficiente. Nesse caso, a tradução serve para detectar problemas no aprendizado, mas aqui, limitamo-nos apenas a apresentar a constatação feita.

A música *Momotarō* é alegre e estimula o combate ao mal, na figura dos *oni*, entes considerados maus e que ameaçam a tranquilidade das pessoas. Momotarō, por sua vez, é um ser especial, que se coloca como defensor do bem, a serviço das pessoas ameaçadas. Nessa função pedagógica, a música estereotipa tanto Momotarō quanto *oni*, no par de oposição Bem X Mal, inculcando uma mentalidade de que o herói é um representante do Japão para a proteção e prosperidade do país. Ela ajuda a criar uma unidade de pensamento em que a bravura do herói serve de exemplo para todos os japoneses. Pensado no contexto histórico de 1911, em que foi criada para fazer parte do ensino fundamental no Japão, deve ter servido a diversas finalidades pelo governo japonês e uma delas, na construção de um Estado Moderno, forte e autônomo, e fortalecendo as ideias nacionalistas do Japão que estavam em busca de novos territórios e aliaram-se aos países do eixo na Primeira Guerra Mundial.

O conto de Akutagawa, por sua vez, é de 1924. Como os outros intitulados *Momotarō* baseados em obras infantis, leva o título homônimo da(s) obra(s) que parodia.

Grosso modo, “as histórias originais” narram um ato de bravura de um menino que nasceu do pêssego, e se transforma no filho de um casal de velhinhas. Cresce rapidamente e vai exterminar os *oni*, ogros tidos como malvados e que vivem numa ilha. A conquista da ilha é feita com a ajuda de um cão, um macaco e um faisão, recrutados ao longo do percurso, atraídos pelos bolinhos conhecidos como *kibidango*, que o bravo menino leva de lanche nessa empreitada.

O grupo ataca a ilha, faz os ogros prisioneiros e leva os tesouros apreendidos como recompensa.

Akutagawa mantém a forma do conto infantil, com os mesmos personagens principais, mas, que se considerados como o grupo do “bem” do herói Momotarō da história original, estes se transformam em vilões perversos que vão invadir, saquear e prejudicar os *oni* que vivem tranquilos e em harmonia em sua ilha, e obviamente isso trará resultados in(esperados).

Há muitas histórias no Japão sobre o menino que nasceu do pêssego, mas aqui, destacamos duas que remontam ao século XVII.

O par de *Coletânea de livros ilustrados do período pré-moderno – edição Edo, Kinsei kodomo no ehonshū – edoben*, organizada por Jūzō Suzuki e Yaeko Kimura em 1985, e a edição da antiga capital - *kamigata ben*, organizada por Mitsutoshi Nakano e Kōzō Hida no mesmo ano, publicado pela Editora Iwanami que apresenta essas histórias que começam a surgir nos formatos de livros com capas coloridas desde meados do século XVII.

O volume de Edo traz a versão em que o pêssego é comido por um casal de velhos que rejuvenesce e tem um menino que recebe o nome de Momotarō e se intitula *Saiban Momotarō Mukashibanashi* (História antiga de Momotarō reeditada)<sup>7</sup>.

O volume da região da antiga capital Quioto tem o nome *Momotarō*<sup>8</sup> (p.131-136) entre os livros ilustrados infantis (*kodomo*

---

7 A explicação que consta na p.491 apresenta-a como propriedade da coleção *Kaga* da Biblioteca Central da Capital (*Toritsu chūō toshokan Kaga bunko 香宮*); de autoria (*sakusha*) de Nishimura Sonzō 西村孫三 e ilustração do mestre de pintura (*gakō*) Nishimura Shigenobu 西村重信, com capa substituível conhecida por *kaebyōshi* 替表紙 com as dimensões de 17,5 cm de largura X 12,8 cm de altura.

8 A explicação que consta na p. 486 apresenta-a como propriedade do *Kokuritsu Kokkai Toshokan* (Biblioteca da Dieta Nacional), sem autoria assinada, mas as ilustrações, pelo estilo, supõem-se ser de Kitao Sekkōsai 北尾雪坑齋 mestre de pintura (*gashi*) de Osaka. Dimensões 17,9 cm X 13,5 cm. Aproveitamento da história de Momotarō para inserir a festividade do *setsubun*, o uso da sardinha e do azevinho como seus símbolos e as peregrinações aos santuários de *Gokōgū* 御香宮 em *Fushimi* e *Sumiyoshi* em *Settsu*.

*ebon*) após os meados da Era Pré-moderna e a história, sem entrar em detalhes, também é a de um casal de idosos, mas que só tem uma filha e desejam muito ter um varão. Após muito orar, recebem de presente um pêsego que em pouco tempo começa a desenvolver cabeça e membros, e se transforma num menino forte para a alegria da família, e, em um ano ele se torna adulto. Na festividade do *setsubun*<sup>9</sup>, um *oni* enxerga a única moça da casa e leva-a para a sua ilha no desejo de tomá-la por esposa. Momotarō, ajudado pelos espíritos da sardinha e do azevinho, vai resgatar a irmã e consegue o martelinho mágico, o chapéu e a veste invisíveis, bem como as riquezas da ilha, tornando o casal próspero e feliz.

O volume Edo é dividido em três tipos de “livros”: a primeira, chamada de livro vermelho pequeno, *akakobon*; a segunda, de livro vermelho, preto e azul, respectivamente *akabon*, *kurobon* e *aobon* e a terceira, capa amarela, *kibyōshi*, encadernação *gōkan*, e livro miúdo *mamebon*.

A história de Momotarō, nosso objeto, é apresentado na segunda categoria, ou seja, dos livros vermelho, preto e azul, mas sem que se possa saber exatamente em quais deles. A Coletânea apresenta uma divisão por conteúdo em torno ao que se poderia chamar de gêneros, divididos em nove categorias: *mukashibanashimono*, *otogizōshi* / *setsuwa-mono*; *shūgimono*, *iruigassen*, *kisōmono*, *gikyokumono*, *kayōmono*, *yūgibon*, *kyōkamono*. A de Momotarō é a sétima história da primeira categoria, ou seja, das histórias antigas, *mukashibanashimono*, e localiza-se entre as páginas 57 a 67 da Coletânea.

Muitas outras histórias sobre o menino que nasceu do pêsego são contadas em edições e formatos diversos, até o presente, mas todas por um ponto de vista de seus feitos louváveis, heroicos e benfeitores. Assim também é a história reescrita do conto infantil de Momotarō

---

<sup>9</sup> Considera-se que um novo ano viria com o solstício da primavera comemorada antigamente a partir do dia 1º de fevereiro, e hoje em dia, no dia 3 ou 4 do mesmo mês.

que é apresentado no presente material, a partir de uma mixagem das que, de certa forma, se afinam com a música homônima.

A criança que tem o pêsego em suas origens é um presente ao casal de idosos e também tem o poder de afastar os maus espíritos. Yoshio Watanabe (2001), em sua pesquisa: *A antropologia social do Feng-sui – Comparação entre a China e suas circunvizinhanças*, apresenta as tabuletas feitas de madeira do pessegueiro conhecida por *tōfu* 桃符, pintadas com as imagens de duas “divindades” protetoras contra todos os espíritos malignos e que são colocadas na entrada das casas no início do ano novo para afastar os maus espíritos. Além das propriedades medicinais da folha e do caroço do pêsego, ele é um fruto saboroso e muito apreciado no Japão, e suas flores são apreciadas na primavera.

O *Dicionário de Símbolos*, edição de 1979 de Chevalier e Gheerbrant<sup>10</sup>, registra aspectos positivos sobre o pêsego. Entre outras coisas, menciona que o pêsego é uma planta que floresce na primavera. Símbolo da fecundidade e do rejuvenescimento, possui poderes exorcistas, fundamentado no que ali é denominado de mito de Izanagi, mas sem muitos detalhes.

Já o folclorista japonês Shinobu Orikuchi, em *A lenda do pêsego*<sup>11</sup>, comenta sobre o seu poder de afastar os maus espíritos e suas qualidades, mencionando também os três pêsegos que ajudaram a salvar a vida de Izanagi. O episódio diz respeito à famosa visita que a “divindade” Izanagi faz a Izanami, sua esposa morta pela divindade do fogo, como consta no *Kojiki, Registro de Fatos Antigos* de 712. Conforme o pedido de Izanami, seu esposo promete não olhar para ela, mas acaba quebrando a promessa e assusta-se diante de sua figura horrenda que estava em decomposição e impregnada com as impurezas das Oito Divindade do Trovão. Izanami, envergonhada

---

10 Jean Chevalier et Alain Gheerbrant – Dictionnaire des symboles – Mithes, Rêves, coutumes, gestes, forms, figures, couleurs, nombres. Huitième édition. Paris: Seghers, 1974 (1969 – édition originale), p. 368 verbete PÊCHER (arbrer, fruit).  
11 <http://www.aozora.gr.jp/> acesso em 12 de maio, 2014.



e irada, manda as *oni* perseguir Izanagi, que foge desesperado. Para delas se desvencilhar ele joga o pente que trazia no cabelo. No lugar em que este cai, nascem uvas e elas param para comê-las, mas a perseguição continua e ele novamente arremessa os dentes do pente que se transformam em brotos de bambu e ele ganha tempo enquanto elas os comem. E, quando as divindades do Trovão se desprendem de Izanami e começam a persegui-lo com um batalhão de *oni*, Izanagi consegue derrotá-los com a ajuda de um pessegueiro que crescia em *Yomotsu hirasaka*, nome de uma ladeira que separava o mundo dos mortos e dos vivos. Tendo sua vida salva por essa árvore, ele a denominou *Ōkamuḡumi*. Finalmente, Izanami sai em seu encalço, mas ele fecha a entrada com uma rocha e se salva<sup>12</sup>.

Ao resgatar essa história, Akutagawa acrescenta essas origens mitológicas do pêsego e o seu conto começa exatamente com a descrição dessa provável árvore gigantesca cujos galhos alcançam as nuvens e cujas raízes descem às profundezas do mundo subterrâneo que corresponderia ao mundo dos mortos, o dito *yomi*. Seria aquele pessegueiro que se desenvolvera em tamanha árvore? Não se sabe, mas o fato é que o Momotarō do conto de Akutagawa é gestado num dos frutos que ainda começava a amadurecer, a indicar que essa imaturidade o leva a ter ideias inadequadas e a tomar atitudes inconsequentes de invadir a ilha pacífica dos *oni*, causando-lhes desgraças, e conseqüentemente a gerar ódio e sentimento de vingança que não dá paz de espírito ao protagonista.

Akutagawa subverte a história entre os dois lados em pares de oposição, entre invasores e invadidos, herói e vilão.

Em 1923, o ano anterior à publicação do conto, aconteceu o grande terremoto que devastou a região leste japonesa, levando o centro político e econômico do Japão a uma situação desesperadora.

---

12 Conteúdo coletado em SAKAMOTO, Masaru. *Zusetsu to arasuji de wakaru Kojiki to Nihonsboki* (Registro de Fatos Antigos e Crônicas do Japão por meio de ilustrações e do enredo). Seishun: 2009. P. 26 a 28.

Sabe-se que na ocasião, o governo japonês culpou os coreanos e os socialistas pela falta de segurança no Japão e houve um extermínio em massa dos coreanos e a prisão e execução de socialistas como Sakae Osugi (1885-1923), um dos representantes dos anarquistas japoneses naquela época.

Associado aos fatos históricos das guerras em que o Japão avança rumo às conquistas territoriais, Momotarō, o cão, o macaco e o faisão assumem as mesmas naturezas perversas quanto a do invasor que carrega a bandeira do Japão. Mas quais seriam as represálias? Essa é a dúvida que paira no coração de Momotarō e do leitor.

O Momotarō dos contos infantis de fato revela que o pêsego traz a fertilidade para o casal de velhos que ganham um varão que se tornará um herói, um exemplo a ser seguido. E o fruto deixa a mensagem de longevidade e prosperidade. No entanto, o Momotarō de Akutagawa é o anti-herói, e a dúvida paira sobre os destinos do símbolo do Japão, ou do próprio Japão.

Como diz o ditado popular mencionado por Shinobu Orikuchi em *A lenda do pêsego*, “pêsego e castanha 3 anos, caqui 8 anos e o cítrico *yuzu* 9 anos é o tempo em que chegam ao ápice da floração”, tudo a seu tempo.

## *Biografia de Ryūnosuke Akutagawa*

Juliana Saito Pinheiro Mascitelli

Ryūnosuke Akutagawa nasceu no primeiro dia de março de 1892 em Irifunechō, Tóquio. Posteriormente o distrito passou a ser denominado como bairro de Kobayashi. Nasceu sob uma estranha condição dita de azar, visto que ambos os pais estavam em idades consideradas inadequadas, de má sorte pela cultura japonesa: a mãe, Fuku Nihara (nascida Akutagawa), com 33 anos e o pai, Toshizō Nihara, com 42 anos. Seriam essas idades as denominadas *yakudoshi*, ano em que as pessoas deveriam tomar mais cuidado em relação à saúde e demais áreas, bem como ir a templos e pedir proteção. Desse modo, ter um filho durante esse período tanto do pai quanto da mãe significava um duplo infortúnio.

Ryūnosuke teve duas irmãs e a mais velha, Hatsu, acabou falecendo em função de meningite cerca de um ano antes de seu nascimento. E por conta das circunstâncias da época, logo após seu nascimento, Ryūnosuke foi deixado sob os cuidados de um velho amigo de Toshizō, Matsumura Senjirō, até que a situação fosse neutralizada de alguma forma, o que deixou a saúde de Fuku, já abalada pela morte da primogênita, ainda mais comprometida. Ela entrou num estado

tal de esquizofrenia do qual nunca mais se recuperou, apesar de ter vivido por mais dez anos. Ryūnosuke a conheceu quando já estava em estado avançado de esquizofrenia e durante toda sua vida, temeu herdar a loucura da mãe.

Seu pai era comerciante do ramo de laticínios e, apesar de bem-sucedido nos negócios, era considerado de temperamento difícil e comportamento não muito refinado. Já sua mãe era de família tradicional, a qual servira o xogum na arte da cerimônia do chá. A família Akutagawa ainda conservava hábitos da época do xogunato, como o gosto pelas artes tradicionais. Frequentavam o teatro, apreciavam literatura, principalmente a do período Edo (1603-1868), o que serviu de influência na formação de Ryūnosuke.

O nome de Ryūnosuke, que significa “filho do dragão”, fora escolhido pelo fato de ter nascido, surpreendentemente no ano, dia e hora do dragão. O período em que nasceu, quarenta anos após a revogação do Xogunato Tokugawa e durante o Período Meiji (1867-1912), era época em que toda a sorte de influências do Ocidente adentrava o Japão. Esse fato fez com que pudesse ter acesso à cultura mais tradicional do país por meio de sua família, bem como conhecer e estudar autores consagrados da literatura ocidental, moldando seu estilo e sendo um dos mais representativos autores do período seguinte, Taishō (1912-1926).

Foi um aluno de destaque, com boas notas e ingressou na Universidade Imperial de Tóquio, onde se formou em Literatura inglesa. Alguns de seus colegas, como Masao Kume e Kan Kikuchi também se tornaram escritores.

No ano de 1914, ainda universitário, Ryūnosuke e outros colegas republicaram a revista literária *Shinshichō* (Correntes do Novo Pensamento), publicada pela primeira vez em 1907, contendo seus próprios escritos e traduções de escritores como William Butler e Anatole France. No ano seguinte, o conto *Rashōmon* foi publicado na revista *Teikoku Bungaku* (Literatura Imperial), contudo não fora

bem recebido pela crítica. Na mesma época, passou a frequentar encontros literários promovidos por Sōseki Natsume, de quem se tornou discípulo e obteve incentivo na publicação do conto *Hana* (O Nariz) na revista *Shinshichō* em 1916.

Trabalhou em um colégio como professor de inglês, mas concomitantemente ao seu casamento com Fumiko Tsukamoto, dois anos depois, firmou contrato com o jornal *Ōsaka Mainichi Shimbun*, em função do qual passou a viver em Kamakura. Conheceu China e Coreia por conta de seu trabalho, únicos países estrangeiros que visitou.

Pouco depois, o medo da doença da mãe passou a atormentá-lo, acompanhado de dívidas familiares e até mesmo um debate de divergências literárias com o também escritor Jun'Ichirō Tanizaki. Essas crises culminaram em seu suicídio aos 35 anos de idade em 24 de julho de 1927, coincidentemente o dia do aniversário de seu oponente literário, Tanizaki. A morte de Akutagawa marcou o fim do conturbado período Taishō na história do Japão.

Segundo Madalena Cordaro, a obra de Akutagawa pode ser dividida, grosso modo, em narrativas intimamente relacionadas à sua própria vivência, ainda que sublimadas e estetizadas, e narrativas inspiradas na história literária e em personagens históricos e seus embates éticos e estéticos. Escreveu um pouco de poesia de estilo *haiku* e contemporânea, mas o destaque de sua obra são os textos curtos em prosa.

Ele escreveu uma série de histórias ambientadas no Japão antigo, algumas releituras, como o já mencionado *Hana*, ou o conto aqui traduzido, *Momotarō*. Estão também nesse grupo, contos bastante reconhecidos, como *Rashōmon* (1915) e *Yabuno naka* (Dentro do bosque, 1922), os quais foram base para o filme de Akira Kurosawa em 1950.

O autor também reuniu escritos sobre cristianismo e outras influências advindas da abertura dos portos em Meiji, por vezes em tom negativo de crítica. Escreveu também sobre seu tempo e sua vida,

flertando com o gênero denominado Romance do Eu, apesar de não apreciá-lo. O conto *Aru abōno issbō* (A vida de um idiota, 1927) é um exemplo dessa sua vertente.

Akutagawa teve uma base clássica em sua formação, incluindo obras chinesas e japonesas antigas, além do contato com obras ocidentais, tendo traduzido algumas delas para o japonês. Em sua carreira como escritor, retratou suas crises e críticas em relação à existência, “à feiura da alma humana”, seu desprezo pela vida atrelado ao medo da condição de sua saúde e possíveis heranças genéticas. Viveu um Japão de mudanças, integrado ao restante do mundo e que também buscava entender seu lugar.

Ano	Título	Tradução
1914	老年 <i>Rōnen</i>	Velhice
	羅生門 <i>Rashōmon</i>	<i>Rashōmon</i>
1916	鼻 <i>Hana</i>	O Nariz
	芋粥 <i>Imogayu</i>	Sopa de Cará
	手巾 <i>Hankachi</i>	O Lenço
	煙草と悪魔 <i>Tabako to Akuma</i>	Tabaco e o Demônio
1917	尾形了齋覚え書 <i>Ogata Ryōsai Oboe gaki</i>	Dr. Ogata Ryōsai: Memorandum
	戯作三昧 <i>Gesakuzanmai</i>	Absorte na escrita de novelas populares
1918	蜘蛛の糸 <i>Kumo no Ito</i>	A Teia de Aranha
	地獄変 <i>Jigokuben</i>	Tela do Inferno
	枯野抄 <i>Kareno shō</i>	Comentário sobre o campo desolado para Bashou
	邪宗門 <i>Jashūmon</i>	<i>Jashūmon</i>
	奉教人の死 <i>Hōkyōnin no Shi</i>	O Mártir

Ano	Título	Tradução
1919	魔術 <i>Majutsu</i>	Mágica
	龍 <i>Ryū</i>	Dragão
1920	舞踏会 <i>Butōkai</i>	O Baile
	秋 <i>Aki</i>	Outono
	南京の基督 <i>Nankin no Kirisuto</i>	Cristo em Nanquin
	杜子春 <i>Toshishun</i>	Tu Tze-chun
	アグニの神 <i>Aguni no Kami</i>	Espírito de Aguni
1921	山鳴 <i>YamaShigi</i>	O Ridículo
	上海游記 <i>Shanhaiyūki</i>	Relato da viagem a Xangai
1922	藪の中 <i>Yabu no Naka</i>	Dentro do Bosque
	将軍 <i>Shōgun</i>	O general
	トロッコ <i>Torokko</i>	Um caminhão
1923	保吉の手帳から <i>Yasukichi no Teshō kara</i>	Do livro de Yasukichi
1924	一塊の土 <i>Ikkai no Tsuchi</i>	Um punhado de terra
1925	大導寺信輔の半生 <i>Daidōji Shinsuke no Hansei</i>	Daidōji Shinsuke: os anos iniciais
	侏儒の言葉 <i>Shuju no Kotoba</i>	Aforismos de um pigmeu
1926	点鬼簿 <i>Tenkibo</i>	Registro de Morte
1927	玄鶴山房 <i>Genkaku Sanbō</i>	Quarto de Genkaku
	河童 <i>Kappa</i>	<i>Kappa</i>
	文芸的な、余りに文芸的な <i>Bungeiteki na, amarini Bungeiteki na</i>	Literário, Literário Demais
	齒車 <i>Haguruma</i>	Roda Dentada

Ano	Título	Tradução
1927	或阿呆の一生 <i>Aru Abō no Isshō</i>	A vida de um idiota
	西方の人 <i>Saibō no Hito</i>	O homem do Oeste

Legenda: Lista de Obras de Ryūnosuke Akutagawa.



Versão Digital